



Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
TEXTOS EM HOMENAGEM	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.) FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	317
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	341
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	359
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa ELISA DE SOUSA	387
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal ANA MARGARIDA ARRUDA	403
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira AMILCAR GUERRA	425
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977 CATARINA VIEGAS	439
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha RUI M. S. CENTENO	467
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	481
À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA	489
Victor S. Gonçalves (1946-). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album Fotobiografia	549 558
LIVRO DE CUMPRIMENTOS	619
ÚLTIMA PÁGINA	623

BRONZE MÉDIO DO SUDOESTE. INDICADORES DE COMPLEXIDADE SOCIAL

JOAQUINA SOARES¹

CARLOS TAVARES DA SILVA¹

RESUMO

Parte-se do princípio que a complexidade social se pode atingir por diversas vias, mesmo em situação de crise, como parece ter ocorrido nas sociedades do Bronze Médio I do Sudoeste (1900/1800-1600/1500 cal BC). Procede-se a breve revisitação do registo empírico, enfatizando os possíveis indicadores de complexidade social. Defende-se modelo dinâmico de crescimento da hierarquização durante a Idade do Bronze Médio do Sudoeste. Desde um cenário de prováveis chefaturas incipientes no Bronze Antigo, ter-se-ia atingido na Idade do Bronze Médio uma organização social provavelmente de tipo chefatura complexa, mas polinucleada ou descentralizada, por hipótese subordinada ao Estado de El Argar. Este tipo de organização social parece ter evoluído para chefaturas proto-estatais no Bronze médio II. Com o declínio do Estado de El Argar, o Sudoeste mostra durante o Bronze médio II (1600/1500 a 1200 cal BC) um período de florescimento. A cartografia dos vestígios arqueológicos do sul de Portugal (e em especial a das estelas de tipo alentejano) mostra uma concentração na região de Beja (Grupo de Santa Vitória), provável centro de poder de território proto-estatal do Guadiana ao Atlântico.

ABSTRACT

The starting point is the statement there are many ways towards complex societies, even in crisis contexts, like the Middle Bronze Age I societies of Southwest (1900/1800-1600/1500 cal BC). The empirical record had been revisited, emphasizing the possible indicators of social complexity. So, it can be defended a dynamic model of growth and consolidation of social inequality and complexity during the Bronze Age of the Southwest of Iberian Peninsula. From a scenario likely of incipient chiefdoms in the Early Bronze Age, society became, in the Middle Bronze Age I a strong hierarchical based organization of complex but polynucleated or decentralized chiefdom type, dependent, by hypothesis, from the state of El Argar. After the decay and collapse of El Argar, the

1 Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal. cea.maeds@amrs.pt

Southwest enters in a cycle of development (Middle Bronze Age II), in the time span of 1600/1500 to 1200 cal BC. In Southern Portugal, a very dense concentration of archaeological remains, mainly stelae of Alentejo type, can support the hypothesis of the emergence of a proto-state territory polarized by Beja region (Santa Vitória archaeological group), from the Guadiana River basin to the Atlantic shore.

1. INTRODUÇÃO

A informação arqueológica de que dispomos sobre o Bronze Médio do Sudoeste é maioritariamente de carácter funerário. E mesmo essa encontra-se grandemente truncada quer pela elevada taxa de destruição e violação das sepulturas quer pelo facto de a maior parte das numerosas necrópoles identificadas terem sido objecto exclusivamente de sondagens até 1950, ano em que se iniciaram na Atalaia (Viana, 1959) as primeiras escavações em extensão, apostadas em conhecer não somente o contentor funerário, mas a totalidade das estruturas do respetivo monumento.

Até à década de 1970 eram desconhecidos, em Portugal, os locais de habitação correspondentes a essas abundantes ocorrências de natureza sepulcral. Foi com as escavações efectuadas a partir dos inícios daquela década, e igualmente em extensão, no concelho de Sines, que além de se terem estudado cada um dos monumentos funerários como parte de um todo, se registaram, pela primeira vez, núcleos habitacionais do Bronze Médio do Sudoeste (Tavares da Silva e Soares, 1981). Estes povoados (Pessegueiro, Quitéria e Provença) eram imediatamente contíguos ao espaço funerário, ou muito próximos, e desprovidos de condições naturais e artificiais de defesa. As cabanas, de planta retangular, foram construídas essencialmente em materiais perecíveis, subsistindo somente orifícios de poste, alinhamentos de blocos, lareiras estruturadas e pequenos lajeados. Os povoados de altura só viriam a ser identificados a partir do final da década de 1970, e somente em território espanhol – Andaluzia (Aubert *et al.*, 1983; Hurtado, 1990) e Extremadura (Hurtado e Enriquez, 1991; Pavón Soldevila, 1998).

Não admira, pois, que, perante tão débil base empírica, tenha vindo a ser associada ao Bronze Médio do Sudoeste uma imagem de retrocesso relativamente à das sociedades calcolíticas. Porém, outras leituras mais sistemáticas detectaram fortes indícios de complexidade social (García Sanjuán, 1998; Gomes, 1994 e 2015; Soares e Tavares da Silva, 1998; Tavares da Silva e Soares, 1981). As recentes contribuições oferecidas sobretudo pela actividade arqueológica de salvamento do plano de rega de Alqueva desenvolvida no interior alentejano, principalmente na região de Beja (Soares *et al.*, 2009; Porfírio e Serra, 2010; Valério *et al.*, 2014), mas também no Alentejo Litoral (Tavares da Silva e Soares, 2009) e no Algarve (Gomes, 2015), levaram-nos a reavaliar esta problemática.

2. MUDANÇAS SOCIO-POLÍTICAS NA TRANSIÇÃO PARA O II MILÉNIO CAL BC

Com os Horizontes Campaniforme (Soares e Tavares da Silva, 2010) e de Ferradeira (Schubart, 1975), inscritos em um Bronze Antigo relativamente invisível e desconexo, inicia-se o processo de desconstrução das tradicionais formas de vida comunais de tradição neolítica (Soares e Tavares da Silva, 1998), que, no Calcolítico, na 1.ª metade do III milénio cal BC, haviam atingido, na generalidade da Península Ibérica (*Formação Tribal Complexa*, Soares, 2013, p. 413), a sua maior complexidade, embora de carácter horizontal, tendo a dinâmica competitiva de vários poderes, mais ou menos institucionizados e parcialmente sobrepostos (estruturas de parentesco, religiosas, corporativas),

mantido a estabilidade do sistema social. O Sudoeste ibérico, no decurso da 2.^a metade do III milénio cal BC, irá integrar-se mais ou menos periféricamente em economia de bens de prestígio de escala pan-europeia (Soares, 2013, Fig. 264, p. 431). As redes de alianças forjadas nesse âmbito garantiriam directamente, ou por mecanismos de emulação, importantes componentes material e imaterial de legitimação das chefaturas incipientes do Bronze Antigo regional. A melhor expressão material dessa mudança pode ser apreendida na arqueologia da morte, com a valorização de particulares actores sociais, que tiveram capacidade e poder de legitimação da função representativa de colectivos e da exploração da sua força de trabalho, usando muito provavelmente mecanismos de *exploração colectiva indirecta* (Ste. Croix, 1988). Uma das mais expressivas sepulturas atribuídas a estas lideranças instáveis de tipo *omnisciente* (Soares, 2013, p. 69-71), encontrada na Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (Armbruster e Parreira, 1993; Bettencourt, 2010), forneceu justamente um rico espólio que associa símbolos de prestígio e comando político – diadema de ouro –, a símbolos de poder coercivo – longo punhal de lingueta.

Se, por um lado, o colectivismo funerário persiste em algumas necrópoles hipogeicas como a do sítio mesetenho de Valle de las Higueras (Bueno, Barroso e Balbín Behrmann, 2005), datada no intervalo de 2470 a 1890 cal BC, a 2 sigma, ou na sepultura 2 de Guadajira, em Badajoz (Hurtado e García Sanjuán, 1996, p. 101-102), por outro lado, emerge o ritual de inumação individual, em sepulturas singulares, de corpo estendido, agregadas ou isoladas, ou mesmo reutilizando sepulcros colectivos, como ocorreu no hipogeu 1 de S. Pedro do Estoril (Leisner, Paço e Ribeiro, 1964) com o expressivo enterramento do portador da túnica de botões de osso com perfuração em V e de espirais de ouro anelares, datado, através de falange envolvida por essas espirais, do último quartel do III milénio cal BC, ou seja, do intervalo de 2330 a 2060 cal BC a 2 sigma – Beta 178468: 3790±40BP (Gonçalves, 2005).

O poder político, anteriormente encapsulado na malha parental e em meandros teocráticos de complexidade supostamente horizontal, onde hierarquia (controlo central) e heterarquia (auto-regulação das comunidades locais) se articularam, inicia o seu percurso de autonomização, associado a uma esfera de economia política, que se irá progressivamente demarcando da economia subsistencial (Soares, 2013, p. 431).

Temos valorizado, como factor crítico das mudanças económico-sociais da transição para o Bronze Antigo, o controlo da tecnologia metalúrgica do cobre arsenical e do ouro (Soares, 2013; Soares e Tavares da Silva, 1995, 1998). Os novos instrumentos de trabalho substituem tendencialmente os tradicionais utensílios líticos, em osso e madeira, induzindo ganhos de produtividade. Mas é sobretudo na arena política que os metais adquirem maior relevância, no decurso da Idade do Bronze, aplicados na manufactura de armas e de peças de sumptuária, catalisadoras e legitimadoras da nova economia política.

3. DESMATERIALIZAÇÃO E COMPLEXIDADE SOCIAL. A IDADE DO BRONZE MÉDIO (1900/1800-1200 CAL BC)

3.1. AGLOMERADOS HABITACIONAIS

A assimetria entre informação funerária e a proveniente de contextos residenciais é uma das maiores limitações para o debate sobre a complexidade social durante o Bronze Médio do Sudoeste. No território português, estão por escavar os povoados de altura deste período. Em Odemira, foram identificados dois prováveis povoados de cumeada: Cerro da Bica e Cerro do Castelo de Vale Feixe. Este último, com corta mineira no seu interior, aparenta possuir taludes defensivos, ocupa 6 ha e possui uma relação visual directa com a necrópole de cistas de tipo Atalaia de Vale Feixe (Vilhena,

2006, 2008). No Castelo do Giraldo (Évora) existem indícios de ocupação da Idade do Bronze Médio (Mataloto, 2012, p. 187), tal como em Évoramonte (Mataloto, Martins e Soares, 2013) e no Cerro da Forca, em Barrancos (Romero e Rego, 2001); no último sítio, a ocupação do Bronze Médio prolonga-se pelo Bronze Final. Não é improvável que alguns dos grandes povoados de altura fortificados, do final da Idade do Bronze – como o Outeiro do Circo, situado em uma das mais férteis manchas de solos do sul do país (Barros de Beja) e em uma das áreas de maior densidade de achados do Bronze Médio, com 17 ha de extensão, complexa fortificação constituída por muralhas, fosso e bastiões (Serra, 2014) –, venham a revelar ocupações do Bronze Médio, uma vez escavados em extensão (observem-se os resultados das escavações no Cerro del Castillo de Alange, em Pavón Soldevila e Duque Espino, 2014, Fig. 4).

De facto, continua por fazer o inquérito à fundação dos povoados de altura do sul do actual território português, em geral instalados em relevos culminantes com visibilidade panorâmica, atribuídos genericamente ao Bronze Final. Estes têm sido objecto somente de prospecções de superfície ou de sondagens que não respondem pela total diacronia dos sítios. Assim, por limitação dos trabalhos de campo ou por efectiva expressão da realidade social, os povoados de altura, em princípio no topo da hierarquia dos sistemas de povoamento, são por agora conhecidos e estudados somente no interior, na Andaluzia Ocidental e na Baixa Extremadura. A longa diacronia destes povoados tem sido colocada em evidência, nomeadamente em El Trastejón, com ocupações do Bronze Antigo, Médio I e Bronze Final (García Sanjuan e Hurtado, 2011) ou em Castillo de Alange, com ocupações do Bronze Antigo, Bronze Médio I e II e Bronze Final (Pavón de Soldevila, 1998; Pavón de Soldevila e Duque Espino, 2014). Neles se acumularam sobreproduto económico, riqueza, poder político/militar e poder ritual e cosmológico, este último indispensável para sancionar ideologicamente a desigualdade social crescente. No Castillo de Alange (Badajoz), uma imponente estrutura de armazenagem «pública» constitui bom indicador de complexo sistema de redistribuição com capacidade para centralizar o sobreproduto económico de um determinado território (Lull e Micó, 2007; Manzanilla, 1997; Pavón Soldevila, 1998; Pavón Soldevila e Duque-Espino, 2014, p. 57).

Embora estejam por conhecer as redes de povoamento e as unidades territoriais da organização social, é possível ler a complexidade da estrutura social na diversificada tipologia dos povoados. Palacio Quemado (Hurtado e Enríquez, 1991) no médio Guadiana, com cerca de 3,5 hectares rodeados por muralha, La Papúa (Huelva), rodeado por forte arquitectura defensiva, com muralha provida de bastiões (Hurtado *et al.*, 1999), Setefilla (Sevilha), também fortificado (Aubet *et al.*, 1983), o povoado de terraços de El Trastejón, Huelva (Hurtado, 1990; Hurtado e García Sanjuán, 1994), poderiam corresponder, pelo menos alguns deles, a lugares centrais de fixação da função política; o número muito restrito de povoados de topo na hierarquia dos contextos domésticos pode ser interpretado como bom indicador da centralização do poder (Barceló, 1991). No entanto, a imagem actual também pode ser o resultado de deficiente investigação arqueológica de campo.

Na planície, têm vindo a identificar-se os principais vestígios das populações do Bronze Médio. A visibilidade das arquitecturas funerárias dos cemitérios de cistas deixou durante muito tempo na obscuridade os povoados abertos, construídos em materiais perecíveis; mas sabemos que foram espaços de produção agro-pecuária e artesanal, nomeadamente metalúrgica, como por exemplo o povoado do Pessegueiro, em Sines (Ferreira e Gil, 1979; Tavares da Silva e Soares, 1981) e o de Las Minitas, Badajoz (Pavón Soldevila, 2008, Fig. 9). Nessas aldeias armazenaram-se, como se documentou nos povoados de silos do interior alentejano², os resultados de uma agro-pastorícia consolidada, que,

² Assinalam-se os casos de silos que continham sementes carbonizadas nos sítios de Ourém 7, Trigaches 3 e 2. Neste último, foi possível verificar que a fossa-silo tinha sido revestida por cortiça e que continha milhares de sementes de cevada (Valera, 2014, p. 311).

por hipótese, alimentou as elites dos povoados de altura. Foram lugares de reprodução social alargada das comunidades locais, cuja aparente *pax rural* é contrariada pelas armas metálicas exumadas nas sepulturas que com eles confinam, e que comprovam a presença do estigma da desigualdade social.

O entrosamento do espaço residencial e funerário, traço cultural característico de El Argar, manifesta-se também no Bronze Médio do Sudoeste, que assim anulou a prática calcolítica da dissociação espacial entre vivos e mortos. Em grande parte das situações em que as necrópoles de cistas foram escavadas em extensão, o respectivo povoado foi identificado na continuidade daquelas. Refiram-se os já citados povoados abertos da região de Sines – Quitéria, Provença e Pessegueiro (Tavares da Silva e Soares, 1981; 2009) –; de Vale da Telha, em Aljezur (Gomes, 2015); Talho do Chapparrinho, em Vila Verde de Ficalho, Monte da Cabida 3, em Évora, Bugalhos, em Serpa, Carapinhais, no Sobral da Adiça (Soares *et al.*, 2009); El Castañuelo II (Arno, 1974) na Serra de Huelva; Cortijo de Chichina, em Sevilha (Fernández Gómez, Ruiz Mata e Sancha, 1976, p. 351-386); Las Minitas, em Badajoz (Pavón Soldevila, 2008). Esta cumplicidade entre espaços de vida e de morte encontra-se igualmente presente nos sítios de hipogeus e fossas do médio Guadiana, escavados no âmbito das obras hidráulicas associadas ao projecto Alqueva, como por exemplo em Torre Velha 3 (Serra, 2014; Soares *et al.*, 2009). Outro aspecto relevante colocado em evidência por estes trabalhos de salvamento arqueológico foi a descoberta de estabelecimentos de longa diacronia, documentando a continuidade de sistemas de povoamento, como por exemplo no povoado aberto de silos do Monte da Cabida 3, onde foram identificadas preexistências neo-calcolíticas e ocupações do Bronze Médio e Final (Soares *et al.*, 2009) ou no Casarão da Mesquita 3 (Santos *et al.*, 2008).

Apagados na paisagem, os povoados de planície do Bronze médio têm sido descobertos a partir da identificação de arquitecturas funerárias ou por imperativo de obras, como no caso do sítio da Quinta da Fidalga, em Mourão, aparentemente dissociado de qualquer estrutura funerária (Tavares da Silva e Soares, 2008).

A hierarquia social observada a partir da tipologia dos habitats é pois muito eloquente, com pelo menos três níveis de diferenciação: povoados de altura fortificados; povoados de cumeada sem fortificação; povoados abertos de planície.

De um modo geral, e a partir de estudos paleobotânicos e zooarqueológicos realizados para os contextos domésticos de Trastejón (Hurtado e García Sanjuán, 1994) e Cerro del Castillo de Alange (Pavón Soldevila e Duque-Espino, 2014), e em turfeiras (Mateus e Queiróz, 1997; Stevenson, 1985; Stevenson e Harrison, 1992), é possível afirmar que as sociedades do Bronze Médio do Sudoeste exerceram forte antropização da paisagem, reduzindo as manchas de bosque mediterrâneo, e degradando a sua biodiversidade, com a formação de montados de azinho e sobro. Praticaram agricultura cerealífera, provavelmente com rotação de culturas, adaptada a uma certa *secura* climática, com recurso a duas variedades de trigo (*Triticum aestivum-compactum* e *Triticum aestivum-durum*), cevada (*Hordeum sp.*; *Hordeum vulg. L.*; *Hordeum vulg. var. nudum*) e leguminosas (*Vicia faba major* e *Vicia faba minor*); pode ainda ser defensável uma proto-domesticação ou selecção do zambujeiro e da videira. Tenha-se presente a inclusão de uvas no acervo funerário da cista 5 da necrópole de La Traviesa (García Sanjuán, 1998). No que concerne à criação de gado, praticou-se a pastorícia de ovicaprinos, suínos e gado bovino; em Trastejón terá ocorrido a criação de gado em estábulo, de acordo com os resultados de análises químicas de sedimentos (Hurtado e García Sanjuán, 1994). A fauna selvagem é relativamente escassa (cervos, javalis, lebres e coelhos). A principal diferença que separa os conjuntos faunísticos do Bronze Médio do Sudoeste dos do Sudeste consiste na significativa presença de cavalo nesta última região, o que se coaduna com a organização estatal atribuível à formação social de El Argar, enquanto no Sudoeste a presença de cavalo pode ser vestigial (0,26%), como sucede no Cerro del Castillo de Alange (Pavón Soldevila e Duque Espino, 2014, Fig. 8).

3.2. NECRÓPOLES DE INUMAÇÕES INDIVIDUAIS

3.2.1. NECRÓPOLES DE HIPOGEUS SINGULARES

Nos espaços sepulcrais reflecte-se, quiçá, mais claramente a desigualdade social. Desde logo no que à arquitectura funerária respeita. As necrópoles de hipogeus singulares, raramente com mais de um enterramento, concentram-se na região de Serpa, como Outeiro Alto 2, com 9 hipogeus (Valera e Filipe, 2010); Montinhos 6 e Torre Velha 3. Neste último sítio foram identificadas 110 estruturas da Idade do Bronze, nos cerca de 1,4 ha escavados, sendo 36 de finalidade funerária: 25 hipogeus e 11 fossas (Porfírio e Serra, 2010, p. 56); o seu abundante espólio metálico foi tendencialmente distribuído de acordo com normas de género, cabendo regra geral às sepulturas femininas os punções e pequenos punhais ou facas (Valério *et al.*, 2014). As armas metálicas, designadamente punhais, espadas e alabardas (hipogeu 3 da Horta do Folgão, hipogeu de Belmeque) acompanhavam inumações de varões adultos. Embora não seja possível padronizar excessivamente, este comportamento funerário aproxima-se do ritual argárico, que diferencia as oferendas funerárias por género (Lull e Estévez, 1986, p. 449; Lull *et al.*, 2009).

De um modo geral, é possível afirmar que os hipogeus não só representam um maior investimento construtivo, como possuem espólios funerários mais qualificados que a generalidade dos restantes tipos de contentores funerários. No extremo oposto, ficam as sepulturas em fossa/silo, regra geral sem oferendas funerárias.

3.2.2. NECRÓPOLES DE CISTAS COM RECINTOS TUMULARES DE PLANTA CIRCULAR: GRUPO DE ATALAIA

A necrópole mais extensa até agora escavada no território português é a de Atalaia (Ourique), constituída por sete monumentos espacialmente dissociados e por 147 sepulturas individuais em cista e fossa, regra geral incluídas em *tumuli* de planta circular ou subcircular (delimitados por murete de alvenaria de xisto ligado por argila) agregados em cacho a partir de um túmulo central (Schubart, 1965). Este tipo de arquitectura funerária que, na sua organização espacial, revela nítida hierarquização dominada pelo *tumulus* central, o maior e o plenamente circular, é característico do Bronze do Sudoeste do interior sul do Baixo Alentejo; acompanha a bacia do rio Mira (concelhos de Ourique e Odemira). Além da necrópole de Atalaia, devemos ainda referir as de Alcaria (Ourique) (Beirão, 1973) e do Cerro de Vale Feixe (Odemira) (Vilhena, 2008). Esta última, com um número mínimo de 27 sepulturas tipo cista, organizava-se em vários monumentos espacialmente dissociados, onde foi possível, apesar da erosão, detectar túmulos monumentais de planta circular a ovalada, que podiam atingir 5 m de diâmetro e que se adossavam em agregados de tipo cacho.

3.2.3. NECRÓPOLES DE CISTAS COM RECINTOS TUMULARES DE PLANTA RECTANGULAR: GRUPO DE SINES

Na região de Sines, identificámos (Santos, Tavares da Silva e Soares, 1974; Tavares da Silva e Soares, 1981) um outro tipo de arquitectura funerária da Idade do Bronze Médio. O contentor funerário é a cista de planta rectangular, cujo comprimento máximo regra geral não ultrapassa 1m, constituída por 4 esteios nas litologias localmente disponíveis: xisto, arenito dunar, gabro-diorito. Cada sepultura destinou-se a inumação singular em posição fetal, não coberta por terra. Esta caixa pétreia, após selagem com tampa geralmente monolítica, era coberta por *tumulus* tendencialmente piramidal, de base rectangular, excepcionalmente ovalada, delimitada por pequenos esteios. Cada recinto tumular adossava-se ao anterior do respectivo núcleo, supostamente familiar, obtendo-se na última fase construtiva de cada monumento um agregado de *tumuli* em favo (com situações de interpenetração de recintos tumulares), por vezes difícil de desarticular até à sepultura fundadora.

No grupo de Sines, como no de Atalaia, o carácter individual do ritual funerário (aliás transversal a toda a área do Bronze Médio do Sudoeste) é contido por uma organização do espaço sepulcral de evidente articulação, expressa pela rede de recintos tumulares, que nos remete para modelo de organização social onde o comportamento parental e segmentário estariam ainda presentes.

A maior das necrópoles de cistas da região de Sines até agora identificada localizou-se na Herdade do Pessegueiro. Possuía 5 monumentos, infelizmente muito destruídos, de que se escavaram os Monumentos I (Tavares da Silva e Soares, 1979; 1981), com 5 cistas, e o Monumento II com 27 cistas (Tavares da Silva e Soares, 2009).

A necrópole da Provença possuía dois monumentos; um deles encontrava-se totalmente destruído por lavoura mecanizada, 100 m a oeste do Mon. I que foi objecto de escavação integral, revelando a presença de dois núcleos, com um total de 28 sepulturas de tipo cista escavadas (o número original poderá ter sido de 32 contentores) inseridas em recintos de planta rectangular, adossados entre si, formando um agregado tipo favo.

A necrópole da Quitéria, também escavada em extensão, mas não na sua totalidade, revelou 25 sepulturas tipo cista protegidas por *tumuli* de planta rectangular como as anteriores (Tavares da Silva e Soares, 1981). Este tipo de arquitectura funerária é comum e característico da Costa Sudoeste portuguesa. Está presente na necrópole de Corte Cabreira (Aljezur), constituída por 20 cistas enquadadas por recintos tumulares de planta rectangular; sítio incompletamente escavado e publicado (Gamito, 2004). Felizmente não é o caso da necrópole de Vale da Telha, também em Aljezur, que foi exaustivamente publicada (Gomes, 2015) e se mostrou constituída por 18 cistas integradas em recintos tumulares de planta rectangular, à excepção da sepultura 10, em que o recinto é de planta circular. As sepulturas organizaram-se em dois núcleos, talvez familiares, a partir de sepultura central ou fundadora, como foi observado nas necrópoles da Provença e do Pessegueiro, e acabariam por formar um monumento de tipo favo, contíguo a espaço habitacional aberto.

A necrópole de Alfarrobeira, localizada nos contrafortes da Serra de Monchique (S. Bartolomeu de Messines) integra-se igualmente no grupo de arquitectura funerária de Sines. Nesta necrópole, foram identificados dois monumentos, afastados entre si menos de 200 m. O Monumento II, constituído por 5 cistas, foi totalmente destruído; o Monumento I viria a ser integralmente escavado (Gomes, 1994) e era formado por 13 sepulturas tipo cista, inseridas em recintos de planta rectangular (à excepção das sepulturas 4, 6 e 11, cujos recintos apresentavam planta subcircular) adossados entre si, formando um favo. Uma estela de tipo alentejano, subtipo A (Gomes, 1994, p. 121; 2006), com ancoriforme e respectiva correia de suspensão, foi implantada no topo norte da cista 2.

Tal como é patente na necrópole de Atalaia, também no grupo de Sines a estrutura arquitectónica de cada núcleo sepulcral reflete, por certo, uma sociedade acentuadamente hierarquizada. As sepulturas e respectivos recintos tumulares da área central de cada núcleo são os que apresentam maiores dimensões; no Monumento II (polinucleado) do Pessegueiro, foram construídos em arenito dunar (matéria prima mais exigente em investimento de esforço humano nas fases de extração e talhe), enquanto as sepulturas e recintos tumulares da periferia, além de possuírem menores dimensões, foram construídos em xisto (Tavares da Silva e Soares, 2009). O mesmo monumento revelou ainda (como aliás já havíamos notado ao escavarmos a necrópole da Provença (Tavares da Silva e Soares, 1981) diferenças de «riqueza» no que concerne ao conteúdo artefactual das sepulturas, não só no interior de cada núcleo, mas também entre os diversos núcleos. Por exemplo, a sepultura fundadora do Núcleo A possuía o espólio característico de poder coercitivo: punhal em cobre arsenical de grandes dimensões (comprimento de 28 cm) e uma taça em cerâmica, carenada.

O Grupo de Sines, embora com arquitectura diferente da do Grupo de Atalaia, tem subjacente o mesmo conceito organizativo. A fronteira de expansão da arquitectura funerária tipo Sines entra

na área de prevalência do Grupo de Atalaia em Panóias de Ourique (Vasconcelos, 1908); mais a sul, atinge o meridiano de S. Bartolomeu de Messines, com a necrópole de Alfarrobeira.

3.2.4. NECRÓPOLES DE CISTAS SEM TUMULI

Em muitos dos achados ocasionais de cistas do Bronze Médio do Sudoeste, apenas o contentor funerário era escavado, sem haver a preocupação ou a possibilidade material de atingir a compreensão alargada da necrópole (Ferreira e Almeida, 1971; Viana e Nunes, 1956). Mas é bem possível que necrópoles que chegaram até nós sob a forma de cistas dispersas sem qualquer enquadramento tumular tenham possuído originalmente arquiteturas de enquadramento, destruídas pela actividade agrícola ou não escavadas. Porém, existem situações em que as sepulturas aparentam nunca ter sido protegidas por estruturas tumulares, como por exemplo na necrópole das Casas Velhas, em Melides, ou na da Vinha do Casão, em Vilamoura (Gomes *et al.*, 1986) ou ainda na de Soalheironas, em Alcoutim (Cardoso e Gradim, 2014). Esta tipologia de necrópoles é por agora a que possui maior dispersão no Sudoeste. Está presente na Serra de Huelva: Castañuelo, Becerrero e La Traviesa, entre outras; as duas primeiras com 35 sepulturas cada e a de La Traviesa com 26 (Amo, 1975, 1993; García Sanjuán, 1998).

Na necrópole de La Traviesa, a cista 5, a de maiores dimensões, era a única protegida por *tumulus* de planta subcircular; o individuo inumado era adulto, do sexo masculino e acompanhado por oferenda de uvas e por um acervo de qualidade superior ao das restantes sepulturas: taça hemisférica, vaso piriforme de colo subcilíndrico e alabarda em cobre arsenical (2,47% de As), com vestígios de estanho (0,06%), de tipo Montejícar.

Na Extremadura, este tipo de cemitério encontra-se bem representado em Las Minitas (Badajoz), onde se identificaram 25 sepulturas (Pavón de Soldevila, 2008). Como na generalidade das poucas necrópoles escavadas em extensão, verificou-se em Las Minitas que nem todos os inumados possuíam espólio e que os acervos mais qualificados (recipientes cerâmicos decorados, de colo estrangulado, imitações de protótipos metálicos) provieram das cistas 15 e 18 onde foram inumados adultos maduros do sexo masculino.

3.3. COMUNALIDADES NA ARQUEOLOGIA DA MORTE

Apesar da diversidade observada no registo arqueológico do Sudoeste durante o Bronze Médio, são muitas as comunalidades que articulam essa vasta região (Fig. 1) sobretudo ao nível do ritual funerário, como Schubart (1975) já havia notado. De forma sintética enunciam-se as principais transversalidades:

I. Ritual de enterramento individual em decúbito lateral, hiperflectido ou fetal, com decomposição em ambiente aeróbio³.

II. Independentemente dos diversos tipos sincrónicos de arquitectura funerária (fossa/silo, cista com ou sem *tumulus* e hipogeu), o inumado é acompanhado ou não por espólio artefactual e por ritual de comensalidade (carne de bovino e/ou de ovicaprino), de acordo com o respectivo estatuto social, género e grupo etário.

³ Tenham-se presentes os dados da bioantropologia (Belén Deamos, Román Rodríguez e Vázquez Paz, 2015), o aparecimento de cistas de tampa monolítica com escasso enchimento de terra, como na necrópole da Provença (Tavares da Silva e Soares, 1981) e em especial as recentes descobertas sobre selagem e impermeabilização dos contentores sepulcrais por adição de materiais orgânicos aos elementos pétreos de encerramento: em tampa de cista de Montinho foi utilizada argamassa de argila e gordura de porco (Soares *et al.*, 2009); nas necrópoles de hipogeu da Horta do Folgão, e em Torre Velha 3 (Serpa), em 13 dos 25 hipogeu foi observada a adição, aos blocos pétreos de encerramento, de argamassa constituída por argila arenítica misturada com cera de abelha e de própolis (Frade *et al.* 2014, p. 144-145; Porfírio, 2014).

III. As sepulturas integram-se em necrópoles, em geral constituídas por monumentos mais ou menos distanciados entre si, que podem ainda segmentar-se em núcleos supostamente familiares, como foi observado no Monumento II do Pessegueiro (Tavares da Silva e Soares, 2009) e na necrópole de Vale da Telha (Gomes, 2015).

IV. No seu todo, os cemitérios reflectem sociedades fortemente hierarquizadas. A desigualdade dos acervos funerários – que vai desde a sepultura sem quaisquer oferendas até sepulturas com diversos objectos de prestígio em cerâmica, em cobre arsenical ou bronze, prata e ouro, adornos em litologias raras – é uma constante das necrópoles do Bronze Médio do Sudoeste. Mário Varela Gomes aplicou a curva de Lorenz às necrópoles algarvias de Vinha do Casão (Bronze Médio I⁴), Alfarrobeira e Vale da Telha (Bronze Médio II), tendo verificado a existência de maior desigualdade/menor concentração de riqueza nas necrópoles de Alfarrobeira e Vale da Telha (Gomes, 1994) (Fig. 6).

V. Os presumíveis líderes de cada segmento social são assinalados no registo funerário por: arquitecturas mais monumentalizadas que as das restantes sepulturas (cista 5 da necrópole de La Traviesa, sepulturas fundadoras das necrópoles dos grupos de Atalaia e Sines); armas (por ex. hipogeu 3 da Horta do Folgão, hipogeu de Belmeque, cista 7 do Monumento II do Pessegueiro, cista 5 da necrópole de La Traviesa); armas e adornos (cista 12 da Provença); estelas gravadas com representações de símbolos de poder (cista 2 de Alfarrobeira).

VI. Acesso restrito a recipientes cerâmicos de prestígio (vasos de colo estrangulado e decorados por nervuras verticais e/ou impressões em bandas horizontais; recipientes de corpo globular ou piriforme/garrafa, também decorados, de superfícies negras e polidas), que atravessam todo o território do Bronze Médio II, desde a Costa Sudoeste portuguesa até à Baixa Extremadura (Fig. 5). Seriam prováveis contentores de produtos alcoólicos ou psicotrópicos (Gomes, 2015), hipótese a aguardar análises de conteúdos, e imitações de protótipos metálicos mediterrâneos, com bons paralelos nas garrafas do tesouro de Villena (Schubart, 1975; González Prats, 1990, p. 65), para o qual pode ser defendida uma cronologia precoce de cerca de 1575-1400 AC com base em paralelos micénicos (Mederos Martín, 1999, tab. 1). Esta produção cerâmica de carácter funerário ilustra bem os mecanismos de emulação resultantes da integração periférica em amplo sistema sociopolítico comandada por relações de tipo centro-periferia.

VII. Acesso restrito a materiais exóticos e rochas raras. Manuel E. Costa Caramé e colaboradores (2011), em estudo comparado de adornos dos IV-III milénios e do II milénio cal BC no Sul da Península Ibérica, provenientes de contextos funerários, verificaram uma muito menor dispersão das redes de circulação de adornos em rochas verdes durante o II milénio, mas registaram extraordinária concentração de contas produzidas nesse material na necrópole de El Argar (1085 exemplares); os mesmos autores notaram a ausência de adornos em âmbar e azeviche nos acervos das sepulturas individuais do Bronze Médio. A distribuição dos adornos em rochas raras é,

⁴ Relativamente à periodização do Bronze Médio do Sudoeste cf. Soares e Tavares da Silva, 1998. O quadro cronológico (Quadro 1) para este período dispõe actualmente de um elevado número de datas radiocarbónicas (García Sanjuán e Hurtado, 2011; Mataloto *et al.*, 2013), cujos contextos não se encontram porém extensivamente publicados. As principais mudanças sociais e tecnológicas com expressão na cultura material que permitem criar uma fronteira, necessariamente artificial, entre o Bronze Médio I e Bronze Médio II são o aparecimento, nesta última fase, das estelas de tipo alentejano, a produção de cerâmica inspirada em modelos metálicos de origem mediterrânea, o desenvolvimento da metalurgia da prata. A «fronteira» que separa o Bronze Médio do Bronze Final estimada por via estatística no citado artigo cai no intervalo de 1167-1047, não havendo por agora razão para alterarmos a nossa proposta de 1200 cal BC, que aliás recolhe amplo consenso.

pois, agora bem mais selectiva que no III milénio, parecendo indicar a existência de um sistema de trocas de longa distância centralmente gerido. O território do Sudoeste, também no que se refere a este indicador, mostra uma clara situação de subalternidade relativamente ao Sudeste (Quadro 2); mesmo não considerando o pico de El Argar, a proporção de adornos em rochas verdes é de 55/124 frente ao Sudeste (Costa Caramé *et al.*, 2011, Tab. 1). É possível que as elites da Idade do Bronze assentassem parte do seu poder no controlo dos circuitos de trocas de média-longa distância de bens manufacturados, sobretudo metais, e de matérias-primas.

Os adornos sobre concha foram valorizados em função da distância ao litoral, quer no Alentejo interior – hipogeu de Torre Velha 3, Serpa, que incluiu colar de 31 pequenos gasterópodos (Porfírio e Serra, 2010) –, quer na Andaluzia Ocidental – acervo de sepultura da necrópole de Carmona, com concha de *Pecten maximus* e exemplar de *Conus mediterraneus* (Belén Deamos, Román Rodriguez e Vázquez Paz, 2015).

VIII. Proximidade ou mesmo contiguidade entre necrópoles e povoados. Padrão de organização espacial que rompe com a tradição calcolítica e aproxima o Sudoeste da Cultura Argárica. Esta proximidade é reforçada pela ocorrência de sepulturas em espaço intra-habitat, como se verificou em Llanete de Moros (Martín de la Cruz, 1987, p. 48-53), Setefilla (Aubert e Serna, 1981), El Berrueco (Escacena e Frutos, 1981), El Estanquillo (Ramos, 1993), El Trastejón (Hurtado, 1990, p. 161-162), El Picacho (Pellicer e Amores, 1985, p. 103-104), Cerro del Castillo de Alange (Pavón Soldevila, 1998, p. 23), Monte da Cabida 3 (Soares *et al.*, 2009).

3.4. DESMATERIALIZAÇÃO: ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA AO EMPOBRECIMENTO IMPOSTO PELAS ASSIMETRIAS SOCIAIS?

É com alguma perplexidade que deixamos para trás a expressiva visibilidade arqueológica do III milénios cal BC. Ela dá-nos conta da pujança demográfica, cultural e económica das sociedades agro-pastoris saídas da Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado (RPS) no Sudoeste ibérico (Sherrat, 1981; Soares, 2003), cujo expoente máximo de agregação populacional e de polifuncionalidade está representado pelas diversas mega-aldeias com largas dezenas de hectares, rodeadas por fossos e muralhas, que polarizariam amplos territórios tribais, como Pijotilla e Valencina de la Concepción, ou Porto Torrão, no Alentejo.

Após a desconstrução do legado calcolítico, ocorrida durante o Bronze Antigo, as evidências arqueológicas parecem indicar uma fase depressiva, mesmo de retrocesso para alguns autores (Valera, 2014). A pobreza dos espólios funerários e de bens de prestígio tem sido frequentemente assinalada (Viana, 1959; García Sanjuán, 1999). Segundo o último autor, não se observa no Sudoeste o padrão de distribuição dos bens de prestígio próprio de sociedades de classes como a argárica ou a minóica. Leonardo García Sanjuán (1999, p. 75-76) defende, através de aturado inquérito ao registo empírico da Idade do Bronze do Sudoeste, que a analogia processual no desenvolvimento do Calcolítico entre o Sudeste e o Sudoeste se interrompe; as formações sociais do Bronze do Sudoeste atingem elevado grau de hierarquização na Pré-história regional (*hierarquização desagregada*)⁵, mas ficam aquém da estratificação.

⁵ García Sanjuán utiliza o conceito de *Sociedade Hierarquizada Desagregada* «para describir un esquema de relaciones de producción pre-estatal que rompe la tendencia al comunalismo igualitarista observado en las sociedades de c. 2500-1700 a.n.e. [=3000-2100 cal BC] en favor de una acentuación de un liderazgo cada vez más expreso y cada vez más basado en el prestigio guerrero y donde el tránsito a la Estratificación social es posible en determinadas circunstancias ecológicas y productivas (transición pristina) o geo-políticas (transición secundaria)» (García Sanjuán, 1998, p. 76).

Com efeito, a desmaterialização que caracteriza a generalidade dos espólios funerários da Idade do Bronze do Sudoeste não significa, em nosso entender, uma necessária desaceleração ou retrocesso da complexidade social, mas antes traduz o crescimento da complexidade social em conjunturas de empobrecimento das comunidades aldeãs, por hipótese sujeitas a formas de tributação ou mesmo a subtração violenta de colheitas e de força de trabalho. A desmaterialização resultante de uma certa austeridade e empobrecimento da cultura material destas comunidades face à parafarnália de artefactos ideotécnicos e sociotécnicos do Calcolítico, não nos parece, pois, suficiente para iludir o incremento da complexidade social. A par da «generalizada pobreza» de espólios funerários e de bens de prestígio, ocorrem contextos ricos em oferendas. Ora, são estas situações excepcionais que revelam uma formação social caracterizada por marcada desigualdade associada a elevado grau de hierarquização.

Nos rituais de socialização da morte, a cultura material pode ter sido, em parte, substituída por cerimónias com forte componente imaterial, como rituais de comensalidade expressos directamente no acervo funerário (Porfírio e Serra, 2010), ou não⁶; rituais de revisitação do espaço funerário, na forma de deposições póstumas nos *tumuli* (depósito de recipiente cerâmico no recinto da cista 10 da necrópole da Quitéria; depósito de dois recipientes cerâmicos no recinto tumular da cista 1 da necrópole da Provença – Santos, Soares e Tavares da Silva, 1974; Tavares da Silva e Soares, 1981); cerimónias de manipulação dos restos mortais dos antepassados, criando reduções, cujo significado nos escapa – culto do crânio (?) como foi proposto por Mariano del Amo (1993). No território português registaram-se depósitos de crânios isolados, quer no exterior da sepultura e no respectivo recinto tumular (caixa de grés dunar no recinto tumular da cista 10 da Quitéria – Tavares da Silva e Soares, 1981) quer no interior da sepultura, em caixa pétreia (cista 19 da necrópole de Alcaria, em Caldas de Monchique – Viana *et al.*, 1949). A segregação do crânio relativamente aos restantes ossos nas necrópoles de Alcaria do Pocinho e Curral da Pedra (Castro Marim – Veiga, 1891), ou o aparecimento de inumações desprovidas de crânio, como no hipogeu de Belmeque (Soares, 1994), documentam bem a diversidade de práticas rituais no mundo funerário da Idade do Bronze Médio do Sudoeste.

Partindo de hipótese de trabalho que coloca o Sudoeste na dependência do Estado argárico (Fig. 1), o empobrecimento das comunidades aldeãs, gerador de ineficiências no funcionamento do sistema produtivo por ocasionais pilhagens de factores de produção, não só pelas elites intra-sociais, mas eventualmente também por grupos de pressão do território vizinho, não significa necessariamente, como antes dissémos, involução na complexidade social. As interações assimétricas que, presumivelmente, terão vigorado entre El Argar e o Sudoeste acrescentaram mais um patamar de diferenciação social na organização deste último território (estádio supra regional de diferenciação e desigualdade).

Há obviamente que admitir um cenário de degradação das forças produtivas. As próprias lideranças locais dão mostras de limitada ostentação, perdendo capacidade para investir excedentes em bens de prestígio; o sistema de trocas parece contrair-se.

A generalização de sistemas de interacção de tipo centro-periferia intra-sociais (Soares e Tavares da Silva, 1998), criando clivagens internas com a constituição de sub-regiões de desigual desenvolvimento (Fig. 2) dentro do Sudoeste (estádio de diferenciação e desigualdade regional), tem vindo a ser observada na Extremadura (Pavón e Duque-Espino, 2014, p. 59) e no território português a partir da forte diferenciação observada nas arquitecturas e mobiliários funerários (Costa

⁶ A bateria de 16 lareiras da necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve), duas delas (L7 e L12) com conchas marino-estuarinas (*Cerastoderma edule*; *Ruditapes decussatus*; *Ostrea* sp. – Gomes *et al.*, 1986; Tavares da Silva, 1986), poderia estar também associada a rituais de comensalidade.

Sudoeste-Grupo de Sines/interior alentejano-Grupo de Santa Vitória/sul do Baixo Alentejo-Grupo de Atalaia).

Tendencialmente, a pressão presumivelmente tributária e «invasora» externa teria, pois, criado condições de aprofundamento do fosso entre lideranças e populações, promovendo o caciquismo local, bem expresso nas mais periféricas necrópoles (estádios de diferenciação intra-grupal de escala local). Podemos defender, a partir do registo arqueológico, que as relações sociais de produção com exploração e a consequente desigualdade social saturaram vários níveis das relações humanas nas sociedades do Bronze Médio do Sudoeste.

3.5. INDICADORES DE COMPLEXIDADE SOCIAL

A complexidade social das sociedades do Bronze Médio do Sudoeste encontra-se expressa, como atrás procurámos mostrar, através de:

3.5.1. HIERARQUIA DOS SISTEMAS DE POVOAMENTO

Locais de habitação que integrariam sistemas de povoamento acentuadamente hierarquizados, com povoados de altura fortificados, que podiam corresponder a lugares centrais de fixação da função política – centralização evidenciada pelo seu reduzido número –, e povoados de planície, dominados pelos primeiros;

3.5.2. NECRÓPOLES COM RARAS SEPULTURAS DOTADAS DE ESPÓLIOS VALIOSOS

Na generalidade das necrópoles do Bronze Médio do Sudoeste existem sepulturas sem espólio; uma larga maioria de contentores funerários possui apenas um objecto, frequentemente um recipiente cerâmico liso; raras sepulturas oferecem ricos mobiliários, como, por exemplo, a cista 12 da necrópole da Provença (Sines), que continha, na segunda fase de utilização, recipiente cerâmico de colo estrangulado, decorado por nervuras verticais, inspirado em protótipo metálico, um punhal em cobre, duas contas em mineral de cor verde e uma conta espiralada em ouro; cista 7 (ver ponto 3.2.3) e cista 1 do Núcleo A do Monumento II do Pessegueiro, esta última com um conjunto de 22 contas em materiais exógenos e 3 espirais em prata; cista 5 de La Traviesa (ver 3.2.4); hipogeu de Belmeque (Serpa), cujo espólio era constituído por forma cerâmica complexa, com dois vertedores, pertencente ao grupo dos vasos de colo estrangulado com decoração de nervuras verticais, faca em bronze, com rebites de ouro, dois punhais, um em bronze e outro em cobre com rebites de prata e oito aplicações também de prata (tachas) que talvez tenham decorado peça(s) de vestuário; sepultura da Herdade do Sardoninho, em Aljustrel (que atribuímos, com reservas, ao 3.º quartel do II milénio cal BC), que continha um diadema de ouro e um punhal cujos pomo e guarda eram também de ouro (Armbruster e Parreira, 1993, p. 48, 214). É o carácter excepcional das sepulturas ricas que permite avaliar as assimetrias sociais: «Numa sociedade nitidamente hierarquizada, não será de estranhar a existência de enterramentos bem diferenciados da norma comunitária» (Armbruster e Parreira, 1993, p. 46).

3.5.3. SEPULTURAS INFANTIS COM BENS DE PRESTÍGIO

As crianças teriam em geral baixo estatuto social no Bronze Médio do Sudoeste, como se verificou na necrópole da Vinha do Casão, onde não tiveram acesso a oferendas funerárias (Gomes, 2015, p. 112). Situação semelhante foi observada em Torre Velha 3 (Porfírio, 2014). Mas tal como em El Argar, têm surgido no Bronze Médio do Sudoeste sepulturas infantis (raras) com espólios qualificados que sugerem a existência de mecanismos de transmissão hereditária de valor e de poder, o que pode configurar a existência de sociedades estratificadas. Exemplificando:

Cista 12 de Vale da Telha (Aljezur)

Com 0,40 x 0,32 x 0,40m. Atribuída a criança, face às suas reduzidas dimensões (não se conservaram restos osteológicos). No contexto de uma necrópole onde a maioria das sepulturas não possuía espólio ou, quando presente, era muito parco, a cista 12 forneceu um recipiente cerâmico (esférico alto com mamilos) e um braçal de arqueiro, símbolo de elevado estatuto social (guerreiro) conferido por nascimento ou herança à presumível criança aí inumada.

Cista 3 de Maudinheiro (Castro Marim)

Nesta sepultura, associadas a restos osteológicos de uma criança, foram encontradas uma taça hemisférica em cerâmica e três contas em rochas verdes (Veiga, 1891, p. 120. pl. XII; Schubart, 1975, p. 198, pl. 19). Mais uma vez se observa que a criança teve acesso a um espólio funerário que não foi por si obtido, mas talvez conferido por herança de um determinado estatuto social.

Cista 5 do Monumento I do Pessegueiro (Sines)

Esta sepultura, pelas suas exíguas dimensões (0,57 x 0,28 x 0,38 m), foi atribuída a uma criança. Não se conservaram restos osteológicos. Atendendo à sua pequena dimensão, não foi felizmente percebida pelos violadores do monumento. Este era constituído por cinco cistas, integradas em recintos tumulares de planta rectangular. Só a cista 5 saiu ileso da violação ocorrida antes da nossa intervenção (Tavares da Silva e Soares, 1979). Deve ter sido um monumento particularmente rico, pois um dos trabalhadores locais que conosco colaborou (Joaquim Vilhena) relatou-nos o aparecimento de uma espada em bronze com cerca de 50 cm de comprimento, a que nunca tivemos acesso. O vaso da sepultura 5, de colo estrangulado e decorado por bandas horizontais de ponteados e de curtas nervuras verticais, apresentava excelente manufatura com pasta depurada e compacta e negras superfícies polidas. Esta categoria de vasos de prestígio do Bronze Médio II do Sudoeste encontra uma boa datação no hipogeu de Belmeque – ICEN-142: 3230±60 BP; calibrada a 1 sigma: 1605-1432 cal BC; calibrada a 2 sigma: 1663-1397 cal BC (Soares, 1994, p. 183).

3.5.4. ESTELAS GRAVADAS COM SÍMBOLOS DE PODER

Infelizmente, as estelas gravadas com símbolos de poder e/ou armas (Gomes e Monteiro, 1977) têm surgido, regra geral, descontextualizadas. No caso da estela de Ulmo, foi possível atribuí-la à necrópole de Monte do Ulmo, em Santa Vitória, Beja (Serra e Porfírio, 2015). A estela da necrópole de Alfarrobeira (Gomes, 1994) foi até ao presente a que surgiu melhor contextualizada (Sep. 2).

Aos dois elementos iconográficos que caracterizam estes monumentos – o ancoriforme e a espada –, pode juntar-se uma panóplia de outros elementos metálicos de que salientamos a alabarda. As estelas com a exclusiva representação do ancoriforme (símbolo de poder cosmológico?), como as das necrópoles de Alfarrobeira e Ulmo, são as mais antigas (Gomes, 2015) e podem indicar sobrevivência de poder espiritual de tradição neolítica e de organização tribal, mas a breve trecho esse símbolo é potenciado com o acréscimo da espada, que não deixa dúvidas quanto à emergência de novo poder: o poder cosmológico tradicional e o poder militar, coercivo, que, uma vez unidos, definem nova estrutura sociopolítica.

Ao contrário das estelas do Bronze Final, as do Bronze Médio II não possuem personagens. Não contam histórias nem celebram feitos de personalidades heróicas. Assinalam e comemoram a afirmação da função político-militar, numa nova dimensão da divisão social do trabalho que irá desembocar na emergência do Estado.

A distribuição geográfica, polarizada, das estelas de tipo alentejano (Fig. 3) dá-nos conta de um núcleo de poder localizado na região de Beja (Santa Vitória). O domínio territorial da suposta che-

fatura correspondente a esse núcleo abrangeria o Sul de Portugal. Dois achados isolados afastam-se desta região. Referimo-nos aos monumentos de Corgas, na Beira Interior (Banha, Veiga e Ferro, 2009), e de El Torcal, em Córdoba (Muñiz Jaén, 1995), que colocam em evidência processos de comunicação de longa distância, com outros territórios «políticos».

3.5.5. INOVAÇÕES METALÚRGICAS

As inovações metalúrgicas ocorridas no Bronze Médio II são, na nossa perspectiva, o principal indicador de complexidade social. Pela sua relevância na estrutura económica, com capacidade para induzir ganhos de produtividade, divisão social do trabalho e competição intergrupar, nos domínios comercial e militar. Graças à investigação desenvolvida pela equipa do Campus Tecnológico e Nuclear do Instituto Superior Técnico dedicada à paleometalurgia, o conhecimento sobre este sector de actividade no Bronze do Sudoeste do Sul de Portugal aumentou consideravelmente nos últimos anos.

A liga metálica mais utilizada durante a Idade do Bronze Médio do Sudoeste foi o cobre arsenical com valores elevados de arsénio, em média 3,9 wt% (Valério *et al.*, 2015, p. 18). Alguns artefactos metálicos como um punhal da necrópole de hipogeus de Montinhos 6 era particularmente rico em arsénio (fase Cu3As) com 6,89 wt%As, o que aumentaria a qualidade da peça enquanto bem de prestígio, ao conferir-lhe uma tonalidade prateada (Valério *et al.*, 2015, p. 13). A coloração prateada parece ter sido muito apreciada, como se observou no punhal M4 do Monte da Cabida 3, provável imitação do punhal 714 de Torre Velha 3, igualmente do Bronze Médio, mas com lâmina em bronze e dois rebites em prata. O punhal M4, cuja lâmina é de cobre arsenical (95,4% Cu e 4,6%As) possui rebites também em cobre arsenical, mas de brilho prateado por efeito de elevada percentagem de arsénio (26,5%) (Valério *et al.*, 2014, Tab.3). Na manufactura do punção-agulha da cista 3 de Las Minillas, foi usada uma liga de cobre (86,68%) muito pobre em estanho (1,47%), mas com 10,9% de prata (Pavón Soldevila, 2008, p. 44), provavelmente com o propósito de obtenção de brilho prateado. A espada do hipogeu 3 da necrópole da Horta do Folgão (Serpa), de excelente fabrico, utilizou uma liga de cobre com elevado teor de arsénio (4,3% As): se por um lado esse facto permitia obter maior dureza por martelagem, por outro, a tonalidade prateada daí resultante conferia maior prestígio à peça (Valério *et al.*, 2012). A metalurgia da prata foi aliás uma das inovações da tecnologia metalúrgica do Bronze Médio, particularmente reservada para contextos funerários (Hunt Ortiz, 2003). A prata nativa partilha a sua origem com o cobre nas formações da faixa piritosa ibérica.

As ligas de cobre e estanho, em uso na cultura argárica desde 1800 cal BC (Aranda, 2015, p. 131), até há relativamente pouco tempo tinham sido identificadas no sul de Portugal somente no hipogeu de Belmeque, em Serpa (Soares *et al.*, 2009). Na alabarda de La Traviesa, basicamente de cobre arsenical, o estanho era vestigial (García Sanjuán, 1998). Recentemente, na região de Serpa, em sepulturas hipogeicas da necrópole de Torre Velha 3, surgiram artefactos em bronze com elevado conteúdo de estanho (c. 10wt%), o que permitiu pensar em peças importadas face ao domínio tecnológico da nova liga metálica. Estes artefactos de Torre Velha 3 são aliás minoritários (15%) face às peças em cobre arsenical (82%) (Valério *et al.*, 2014, p. 75): «*The four bronze alloys recovered inside hypogea have an average value of tin close to 10wt%. This suggests that bronzes from Torre Velha 3 might be importations of a region with already well-established bronze technology*». Quatro datas radiocarbónicas obtidas a partir de amostras dos esqueletos associados aos artefactos em bronze de Torre Velha 3 permitem balizar a divulgação dessa liga na área em apreço entre cerca de 1700 e 1400 cal BC, ou seja, no Bronze Médio II (Quadro 1). Porém, contrariando, pelo menos em parte, a hipótese da presença dos artefactos de bronze identificados quer em Torre Velha 3, quer em Belmeque, ter resultado de importações, possuímos as evidências fornecidas pelo povoado de planície, com fosso e fossas, da Malhada do Vale da Água, na freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, que

revelou abundantes vestígios da prática local da metalurgia do cobre e bronze, manifestada, esta última, pela presença de cadinhos de fundição em cerâmica e escórias com presença de cobre e estanho, nódulos metálicos e fragmentos de minérios (Valério *et al.*, 2013). Esta produção metalúrgica, que ultrapassaria as necessidades de consumo doméstico, coloca em evidência a precoce produção de bronze no Sudoeste, datada no intervalo de 1535 a 1294 cal BC a 2 sigma. Os contextos que forneceram os referidos artefactos metalúrgicos, no interior de diversas fossas, puderam ser datados por radiocarbono: Beta-358387: 3120±30 BP (1449-1294 cal BC a 2 sigma); Beta 338482: 3220±30 BP (1535 – 1425 cal BC a 2 sigma); Beta- 359671: 3170 ±30 BP (1503-1397 cal BC a 2 sigma).

O ritmo de circulação da nova liga metálica deve ter sido rápido. Na Andaluzia Ocidental, a metalurgia do bronze parece ser quase síncrona da de El Argar. Na necrópole de Carmona, a inumação mais antiga da fossa sepulcral da Calle Torre del Oro 1, a que pertencia um punção em bronze binário (76,38% Cu e 6,48% Sn), foi datada no intervalo de 1878 a 1663 cal. BC a 2 sigma (CNA- 2378.1.1.: 3440±30BP) (Belén Deamos, Román Rodriguez e Vázquez Paz, 2015, p.173).

4. EPÍLOGO

Nas sociedades metalúrgicas da Idade do Bronze, a complexidade social possui uma forte componente relacionada com a esfera da interacção (Fig. 7), ou seja, com factores geopolíticos externos, que se cruzam com as dinâmicas de desenvolvimento intra-social. A teoria dos sistemas-mundiais aplicada ao estudo destas sociedades (Gailey e Patterson, 1988; Frank, 1993; Kristiansen, 1991; Amin, 1986) mostra inequívocas potencialidades explicativas, evitando o recurso ao gasto difusionismo.

Revisitámos brevemente o Bronze Antigo, com a sua economia de bens de prestígio disseminada por grande parte do continente europeu, a qual terá sido articulada por alianças de elites instáveis, supostamente chefaturas incipientes, com relações paritárias de mútua conveniência e com a circulação em rede de informação, materiais e lideranças (Soares, 2013).

Levando em consideração a hipótese de ser o Sudoeste ibérico uma periferia do «Estado débil» de El Argar (García Sanjuán, 1999), a nossa região teria estado durante o Bronze Médio I particularmente sujeita a avanços e recuos no processo de complexidade social. No modelo que propomos de chefaturas complexas polinucleares ou descentralizadas, para o Bronze Médio I, ocorre uma certa fragmentação dispersiva do poder. Algumas chefaturas poderiam negociar melhores acordos com o Estado de El Argar e avançar mais rapidamente na emulação⁷ do modelo social de formação estatal, aumentando a exploração das suas próprias periferias; em conjunturas mais favoráveis a determinadas elites, estas poderiam ensaiar vias de perpetuação no poder através de mecanismos de transmissão hereditária. No entanto, a instabilidade política, por hipótese activamente promovida pelo vizinho mais forte, poderá ter sido um factor adverso à centralização do poder político e à consolidação da sociedade classista no Bronze Médio do Sudoeste. Nesta fase, o Sudoeste teria estado, pois, sujeito a relações de poder muito assimétricas.

Com o declínio e colapso do estado argárico, ocorridos por volta de 1400 cal BC. (c. de 1375 cal BC, seg. Molina e Cámara, 2004), durante o Bronze Médio II do Sudoeste (1600/1500-1200 cal BC) podem ter emergido regionalmente chefaturas proto-estatais; o sul do actual território português mostra-se polarizado por um provável centro de poder, localizado na região de Beja. A elevada densidade

⁷ Os processos de emulação encontram-se documentados na relação de proximidade e justaposição entre espaços residenciais e funerários, rituais fúnebres de comensalidade, artefactos manufacturados, cujos modelos são copiados. Atenda-se, por exemplo, à taça lisa de pé, encontrada no sítio de Torre Velha 3 (Porfírio e Serra, 2010, Fig. 12), que apresenta semelhanças com a forma 7 da tipologia de Fuente Álamo (Schubart, 2004, p. 52).

de estelas de tipo alentejano, a qualidade da cultura material das necrópoles de hipogeus, ricas em metais, designadamente armas, a precocidade da prática da metalurgia do bronze convergem na sinalização do referido centro de poder.

A partir do Bronze Médio II, as sociedades do Sudoeste da Península ibérica multiplicam as evidências de interações transmediterrâneas na sua cultura material, expressas, por exemplo, nas espadas longas características da iconografia das estelas de tipo alentejano, e nas alabardas tipo Montejícar, que parecem seguir modelos do círculo creto-micénico (Gomes, 1994, p. 122; Buchholz e Karageorghis, 1973). Esta integração no mundo mediterrâneo irá, no Bronze Final, adquirir extraordinário dinamismo (Ruiz-Gálvez, 2009; Vilaça, 2011/2012), com a expansão das redes comerciais até à fachada atlântica europeia. O mapa de distribuição das estelas de guerreiro ou de tipo extremeño, já do Bronze Final, deixa perceber uma nova reorganização política no Sudoeste (Fig. 4). O território de Beja perde relevância face ao realinhamento do poder político no eixo Huelva-Badajoz. O Guadiana teria assim perdido centralidade a favor do Guadalquivir.

QUADRO 1. SELECÇÃO DE DATAS RADIOCARBÓNICAS DE CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO BRONZE MÉDIO DO SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA, OBTIDAS EXCLUSIVAMENTE A PARTIR DE OSSOS HUMANOS

REF. LAB.	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	CONTEXTO	DATA BP	CALIBRAÇÃO 2 SIGMA	BIBLIOGRAFIA
HIPOGEUS					
Sac - 2876	Montinhos 6	MT6.20	3350±80	1880-1450	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2878	Montinhos 6	MT6.59	3390±40	1870-1560	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2867	Montinhos 6	MT6.59	3380±40	1770-1530	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2877	Montinhos 6	MT6.153	3360±45	1750-1530	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2879	Montinhos 6	MT6.159	3360±40	1740-1530	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2845	Montinhos 6	MT6.89	3250±60	1660-1410	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2844	Montinhos 6	MT6.155	3240±40	1610-1440	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2557	Horta do Folgão	Hip.3	3400±50	1877-1535	Nunes da Ponte <i>et al.</i> , 2012
Sac - 2827	Torre Velha 3	[2356][2357]	3340±80	1780-1440	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2825	Torre Velha 3	[1267][1792]	3280±50	1680-1450	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2826	Torre Velha 3	[2417][2418]	3170±90	1670-1250	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2831	Torre Velha 12	TV12.9.4	3250±70	1730-1400	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2832	Torre Velha 12	TV12.10	3200±60	1620-1310	Valério <i>et al.</i> , 2015
ICEN - 142	Belmeque	Hip.1	3230±60	1660-1400	Soares <i>et al.</i> , 2009
CISTAS					
ICEN - 87	Herdade do Pomar	Cista 1	3510±45	1951-1695	Gomes, 1994
Sac - 2918	Abelheira 1	AB1.13	3460±40	1900-1670	Valério <i>et al.</i> , 2015
Beta - 142035	Las Minitas	Cista15/2ª in.	3430±50	1885-1620	Pavón Soldevila, 2008
Sac - 2631	Monte da Cabida 3	Cista9/904	3290±60	1690-1440	Valério <i>et al.</i> , 2014
OxA - 5531	Casas Velhas	Cista14	3255±55	1670-1410	Soares e Tavares da Silva, 1998
Beta - 127904	Casas Velhas	Cista35	3260±60	1682-1421	Tavares da Silva e Soares, 2009
ICEN - 867	Pessegueiro. Mon. II	Cista16/1ª in.	3270±45	1642-1441	Tavares da Silva e Soares, 2009
ICEN - 868	Pessegueiro. Mon. II	Cista16/2ª in.	3030±40	1407-1131	Tavares da Silva e Soares, 2009
FOSSAS					
CNA - 2375.1.1	Carmona Plazuela de Santiago 6-7	PS6-7.1	3450±30	1879-1689	Belén Deamos, Román Rodríguez e Vázquez Paz, 2015
CNA - 2888.1.1	Carmona Plazuela de Santiago 6-7	PS6-7.3	3443±35	1879-1665	Belén Deamos, Román Rodríguez e Vázquez Paz, 2015
Sac - 2888	Monte da Cabida 3	fossa41/931	3490±50	1940-1690	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2437	Monte da Cabida 3	fossa64	3330±45	1690-1510	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2833	Torre Velha 12	TV12.13.3	3450±45	1890-1640	Valério <i>et al.</i> , 2015
CNA - 2378.1.1	Carmona C. Torre del Oro 1	TO1.1	3440±30	1878-1663	Belén Deamos, Román Rodríguez e Vázquez Paz, 2015
CNA - 2377.1.1	Carmona C. Torre del Oro 1	TO1.2	3460±30	1879-1692	Belén Deamos, Román Rodríguez e Vázquez Paz, 2015
Sac - 2917	Vale Frio 2	VF2.38	3360±70	1880-1500	Valério <i>et al.</i> , 2015
Sac - 2882	Torre Velha 3	fossa969	3330±50	1740-1500	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2883	Torre Velha 3	fossa1991	3290±50	1690-1450	Valério <i>et al.</i> , 2014
Sac - 2252	Horta do Albardão 3	Fossa2	3080±60	1490-1130	Soares <i>et al.</i> , 2009
Sac - 2248	Casarão da Mesquita 3	Fossa28/1ª in.	2990±60	1400-1050	Soares <i>et al.</i> , 2009

**QUADRO 2. ADORNOS EM ROCHAS VERDES
COMPARAÇÃO ENTRE O SUDESTE E O SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA**

Adaptado de Costa Caramé *et al.*, 2011

	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	N.º	BIBLIOGRAFIA
SUDESTE	Fuente Álamo	15	Pozo Gómez <i>et al.</i> , 2002; Siret e Siret, 1890
	Cerro de la Encina	21	Walker, 1995; Aranda Jiménez <i>et al.</i> , 2008
	La Pernera	45	Siret e Siret, 1890
	Gatas	13	Siret e Siret, 1890
	El Ofício	30	Siret e Siret, 1890
	El Argar	1085	Siret e Siret, 1890
SUDOESTE	Las Minitas – Badajoz (cista 21)	1	Pavón Soldevila, 2008
	El Becerrero – Huelva (Sep.II.16)	6	Amo, 1975
	Provença – Sines (cista 12)	2	Tavares da Silva e Soares, 1981
	Pessegueiro – Sines (Mon. II, cista 1)	23	Tavares da Silva e Soares, 2009
	Vale da Telha – Aljezur (cista 5)	2	Gomes, 2015
	Maudinheiro – Castro Marim (cista 5)	3	Veiga, 1891, p. 120
	Santa Vitória – Beja	1	Gonçalves <i>et al.</i> , 2005
	Carapinhais – Sobral da Adiça (cista 2)	17	Soares <i>et al.</i> , 2009

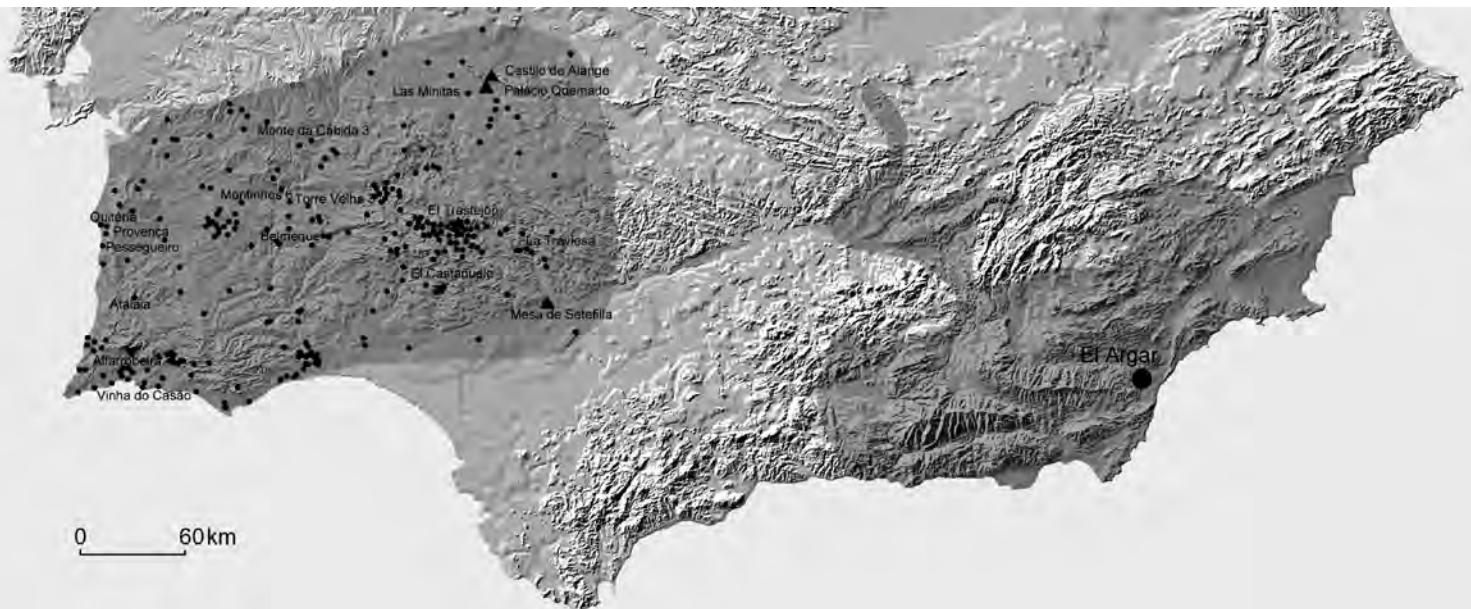


FIG. 1. Sul da Península Ibérica com as áreas de distribuição dos principais sítios da Idade do Bronze Médio do Sudoeste, a partir de Schubart, 1975, Pavón Soldevila e Duque Espino, 2014, agora actualizados. Localiza-se também o território do Estado argárico, em cerca de 1750 a.C., seg. Serrano Ariza, 2012.

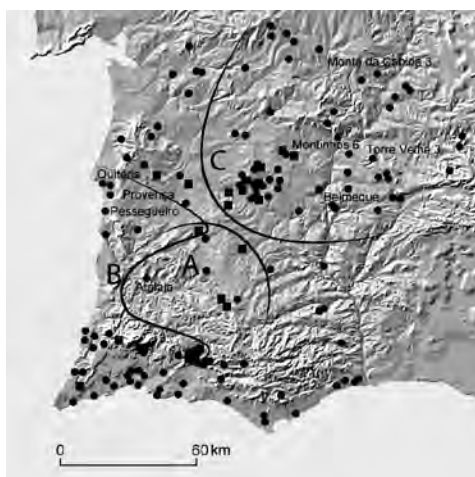


FIG. 2. Distribuição geográfica dos três principais grupos de arquitetura funerária da Idade do Bronze Médio no Sul de Portugal.

- A. Atalaia
B. Sines
C. Santa-Vitória/Serpa

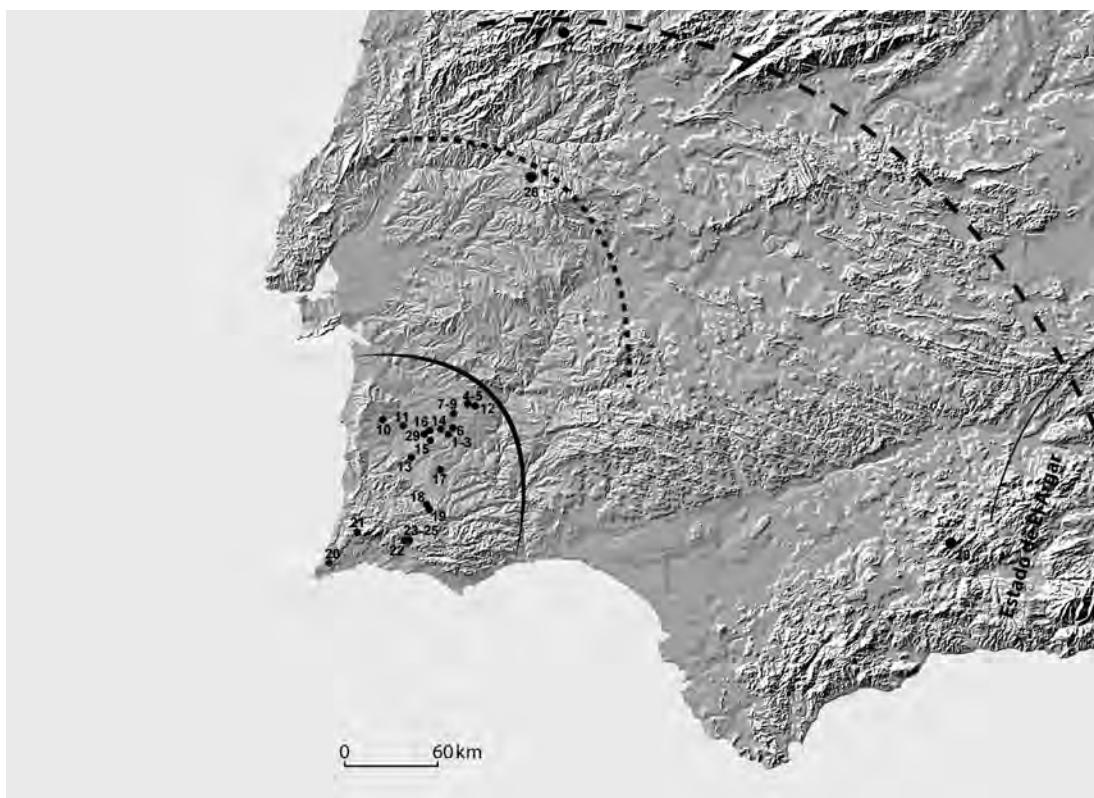


FIG. 3. Sul da Península Ibérica com a distribuição das estelas tipo alentejano, do Bronze Médio II do Sudoeste, a partir de Banha, Veiga e Ferro, 2009; Díaz-Guardamino, 2010; Serra e Porfírio, 2015.

- | | | |
|--|---|---|
| 1. Assento, Santa Vitória (Beja) | 12. Monte de Abaixo (Beja) | 23. Passadeiras I (S. Bartolomeu de Messines) |
| 2. Pedreirinha, Santa Vitória (Beja) | 13. Panóias (Ourique) | 24. Passadeiras II (S. Bartolomeu de Messines) |
| 3. Santa Vitória | 14. Ervidel I (Aljustrel) | 25. Passadeiras III (S. Bartolomeu de Messines) |
| 4. Trigaches I (Beja) | 15. S. Salvador (Aljustrel) | 26. Tapada da Moita (Castelo de Vide) |
| 5. Trigaches II (Beja) | 16. S. João de Negrilhos, Messejana (Aljustrel) | 27. Corgas, Donas (Fundão) |
| 6. Monte do Ulmo, Santa Vitória (Beja) | 17. Castro Verde | 28. El Torcal (Córdoba) |
| 7. Mombeja I (Beja) | 18. Gomes Aires (Almodôvar) | 29. Carniceira (Aljustrel). |
| 8. Mombeja II (Beja) | 19. Mourços (Almodôvar) | |
| 9. Mombeja III (Beja) | 20. Milrei, Raposeira (Vila do Bispo) | |
| 10. Abela (Santiago do Cacém) | 21. Marmete (Monchique) | |
| 11. Defesa, Alvalade do Sado (Santiago do Cacém) | 22. Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) | |

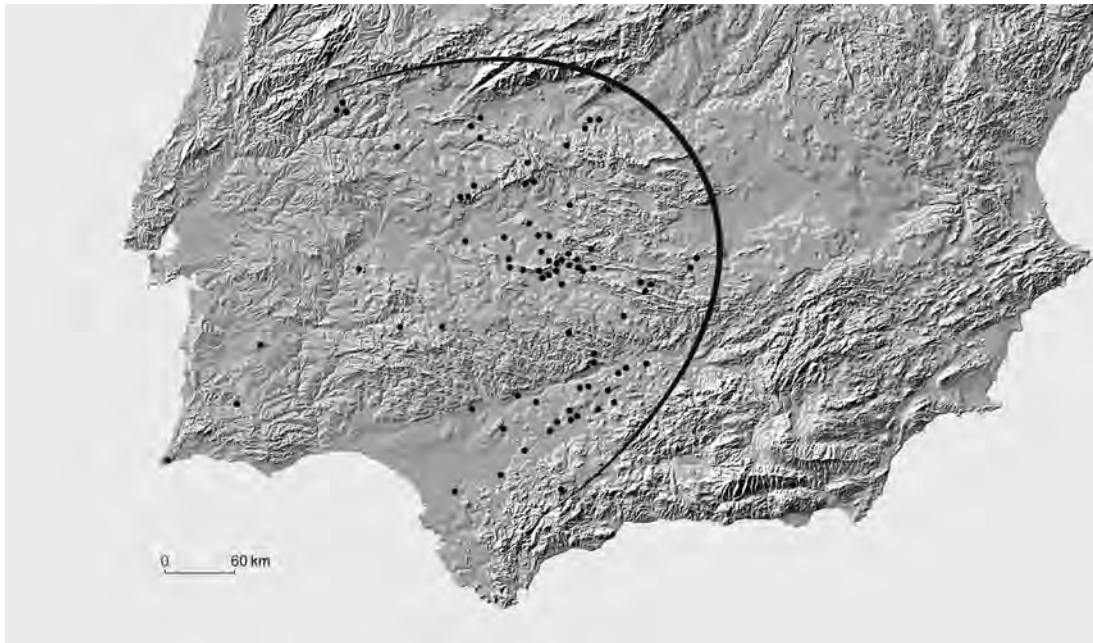


FIG. 4. Sul da Península Ibérica com a localização das estelas tipo extremeño, do Bronze Final, seg. García Sanjuán, 2001. Linha azul – limite oriental da expansão destes monumentos.

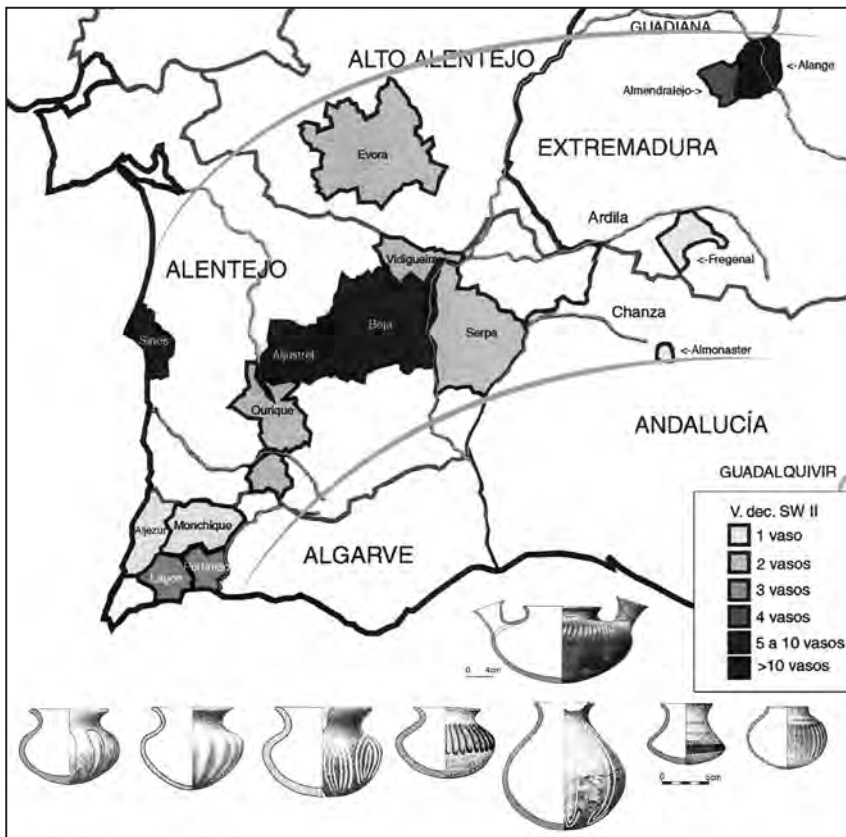


FIG. 5. Distribuição dos recipientes cerâmicos de prestígio, prováveis imitações de protótipos metálicos, da Idade do Bronze Médio II do Sudoeste. Este artefacto distribui-se em uma diagonal que atravessa praticamente a totalidade da área do Bronze Médio do Sudoeste. Seg. Pavón Soldevila, 2008, actualizada.

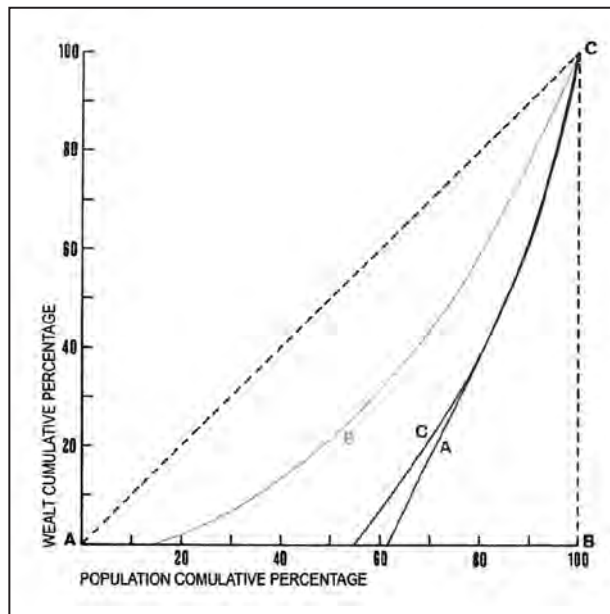


FIG. 6. Curva de Lorenz, mostrando o crescimento da desigualdade social entre um contexto funerário da Idade de Bronze I (Vinha do Casão – B) e outros da Idade do Bronze II (Alfarrobeira – A – e Vale da Telha – C). A concentração de riqueza é tanto maior quanto mais se afastar a curva da diagonal. Seg. Gomes, 1994.

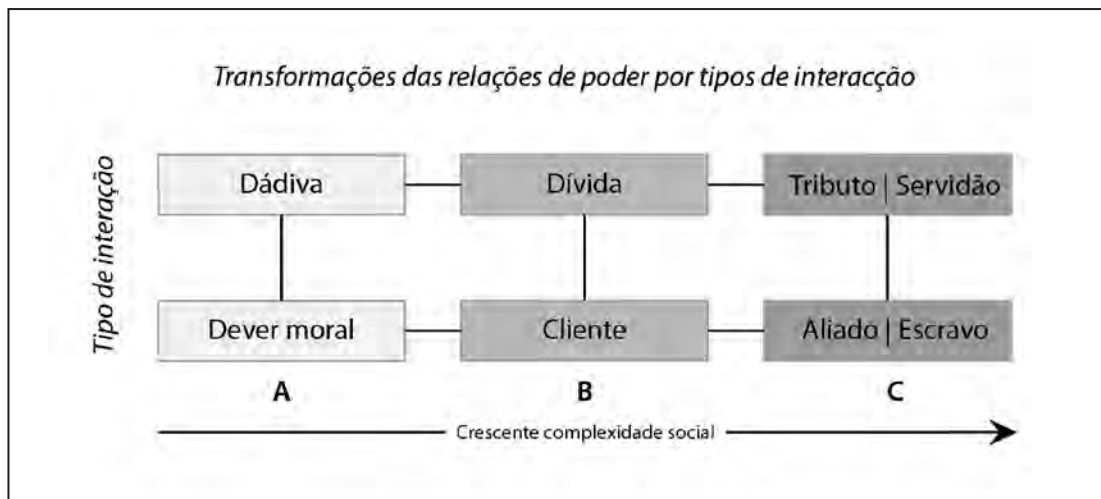


FIG. 7. Da comunicação à escravatura. Transformação das relações de poder por ordem crescente de interacção assimétrica (relações de tipo centro periferia) nas sociedades paleometalúrgicas do sul da Península Ibérica. Adaptado de Kristiansen, 2007.

- A. Neste cenário incluímos as sociedades do Bronze Antigo. A interacção teria um carácter voluntário, com reconhecimento de interesse mútuo pelas partes envolvidas.
- B. Trocas intra-regionais entre unidades territoriais aliadas, nas quais provavelmente participou a generalidade das sociedades do Bronze Médio.
- C. Relações muito assimétricas, opressivas, que poderiam ter vigorado entre o Sudoeste e El Argar no Bronze Médio e entre o(s) território(s) do Bronze Final do Sudoeste e os colonizadores fenícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amin, S. (1986) – *El Desarrollo Desigual*. Madrid: Planeta [1.ª edición 1974].
- Amo, M. del (1974) – Enterramientos en cista de la provincia de Huelva. *Huelva: Prehistoria y Antiquedad*. Madrid: Editora Nacional, p. 109-192.
- Amo, M. del (1975) – Nuevas aportaciones para el estudio de la Edad del Bronce en el Suroeste Peninsular. *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p. 433-454.
- Amo, M. del (1993) – Formas y ritos funerarios en las necrópolis de cistas del Suroeste peninsular. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 2, p. 169-182.
- Aranda Jiménez, G. (2015) – Resistencia y involución social en las comunidades de la Edad del Bronce del Sureste en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 72: 1, p. 126-144.
- Aranda Jiménez, G.; Molina González, F.; Fernández Martín, S.; Sánchez Romero, M.; Al Oumaqui, I.; Jiménez-Brobeil, S.; Roca, M. G.; (2008) – El poblado y necrópolis argáricos del Cerro de la Encina (Monachil, Granada). Las campañas de excavación de 2003-2005. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*. 18, p. 219-263.
- Armbruster, B.; Parreira, R. (eds. lits.) (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria: do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Aubert, M. E. (1981) – Sepulturas de la Edad del Bronce en la Mesa de Setefilla. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 22, p. 127-149.
- Aubert, M. E.; Serna, M. R. (1981) – Una sepultura de la Edad del Bronce en la Mesa de Setefilla (Lora del Río, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: CSIC. 39, p. 225-251.
- Aubert, M. E.; Serna, M. R.; Escacena, J. L.; Ruiz Delgado, M. M. (1983) – *La Mesa de Setefilla (Lora del Río, Sevilla). Campaña de 1979*. Madrid. (Excavaciones Arqueológicas en España, 122).
- Banha, C.; Veiga, A. M.; Ferro, S. (2009) – A Estátua-Menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o Estudo da Idade do Bronze Na Beira Interior. Associação de Estudos do Alto Tejo. *AÇAFA On Line*. 2. [Consult. 27 Jan. 2016]. Disponível em www.altotejo.org/acaafa/docsN2/A_estatua-menir_de_Corgas.pdf
- Barceló, J. A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 21, p. 15-24.
- Belén Deamos, M.; Román Rodríguez, J. M.; Vázquez Paz, J. (2015) – *Ad Aeternum*. Enterramiento de la Edad del Bronce en Carmona (Sevilla). *ARPI. Alcalá de Henares: Área de Prehistoria da Universidad de Alcalá de Henares*. p. 164-179 (*Homenaje a Rodrigo Balbín Behrmann*).
- Beirão, C. M. (1973) – Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 193-221.
- Bettencourt, A. M. S. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Instituto de Historia CSIC. 67: 1, p. 139-173.
- Buchholz, H. G.; Karageorghis, V. (1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus*. Londres: Phaidon Press.
- Bueno Ramírez, P.; Barroso Bermejo, R.; Balbín Behrmann, R. de (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62: 2, p. 67-90.
- Cardoso, J.; Gradim, A. (2014) – The polymorphism of graves and the distribution of archaeological remains in the Southwest Bronze Age necropolis of Soalheironas (Alcoutim). In Cruz, A.; Cerrillo-Cuenca, E.; Bueno Ramírez, P.; Caninas, J. C.; Batata, C. – *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)*. Oxford. (BAR, International Series 2648).
- Costa Caramé, M. E.; García Sanjuán, L.; Murillo-Barroso, M.; Parrilla Giráldez, R.; Wheatley, D. W. (2011) – Artefactos elaborados en rocas raras en los contextos funerarios del IV-II milénios cal ANE en el Sur de España: una revisión. *Menga. Revista de Prehistoria de Andalucía*. Málaga. 1, p. 253-293.
- Díaz-Guardamino, M. (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Facultad de Geografía e Historia.
- Escacena, J. L.; Frutos, G. (1981) – Enterramientos de la Edad del Bronce del Cerro de El Berrueco (Medina Sidonia, Cádiz). *Pyrenae*. Barcelona. 17, p. 165-190.
- Fernandes, T. M. (2009) – Monumento II do Pessegueiro (Sines) – Estudo antropológico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 389-420.
- Fernández Gómez, F.; Ruiz Mata, D.; Sancha, D. de (1976) – Los enterramientos en cistas del Cortijo de Chichina (Sanlúcar la Mayor, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 33, p. 351-383.

- Ferreira, G. P.; Gil, F. B. (1979) – Análise por fluorescência de Raios X de um fragmento de cadinho de fundição do Cemitério dos Mouros (Pessegueiro, Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 154-157.
- Ferreira, O. da Veiga; Almeida, F. (1971) – A necrópole do Bronze Meridional Português da Herdade do Peral (Evora). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 12, p. 115-122.
- Frade, J. C.; Soares, A.; Candeias, A.; Ribeiro, I.; Ponte, T.; Serra, M.; Porfírio, E. (2014) – Beeswax and propolis as sealants of funerary chambers during the Middle Bronze Age in the South-Western Iberian Peninsula. In Scott, R. B.; Braekmans, D.; Carreman, M.; Degryse, P. (eds. lits.) – *Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry, Leuven (2012)*. KU Leuven: Centre for Archaeological Sciences. p. 141-145.
- Frank, A. G. (1993) – Bronze Age World System Cycles. *Current Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press. 34:4, p. 383-429.
- Gailey, C. W.; Patterson, T. C. (1988) – State formation and uneven development. In Gledhill, J., Bender, B.; Larsen, M. T. (eds. lits.) – *State and Society: The emergence and development of social hierarchy and political centralization*. London: Routledge. p. 77-90.
- Gamito, T. J. (2004) – A Necrópole de Corte Cabreira: contributo das escavações de 1995. In *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, p. 25-32 (Promontoria Monográfica, 1).
- García Sanjuán, L. (1998) – *La Traviesa. Ritual funerario y jerarquización social en una comunidad de la Edad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Universidad de Sevilla. (Spal Monografías, 1).
- García Sanjuán, L. (1999) – *Los orígenes de la estratificación social. Patrones de desigualdad en la Edad del Bronce del Suroeste de la Península Ibérica (Sierra Morena Occidental c. 1700- 1100 a.n.e./2100-1300 A.N.E.)*. Oxford. (BAR International Series 823).
- García Sanjuán, L. (2001) – The warrior stelae of the Iberian South-east: symbols of power in ancestral landscapes. In Moore, T.; Amanda Pita, L. (eds. lits.) – *Atlantic Europe in the first millennium BC: crossing the divide*. Oxford University Press. Oxford. p. 534-557.
- García Sanjuán, L.; Hurtado, V. (2011) – Las dataciones radiocarbónicas de El Trastejón en el marco de la cronología absoluta de la Edad del Bronce (c. 2200-850 cal A.N.E.) en el Sur de la Península Ibérica. In Hurtado, V.; García Sanjuán, L.; Hunt Ortiz, M. A. (eds. lits.) – *El asentamiento de El Trastejón (Huelva)*. Huelva: Junta de Andalucía; Consejería de Cultura. p. 138-157.
- Gomes, M. V. (1994) – *A Necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves.
- Gomes, M. V. (2006) – Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular – A iconografia do poder. In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 47-62. (*O Arqueólogo Português*, Suplemento 3).
- Gomes, M. V. (2015) – *The Vale da Telha necropolis (Aljezur) in the context of the Southwest Iberian Bronze Age*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- Gomes, M. V.; Monteiro, J. P. (1977) – As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel, Beja). Estudo Comparado. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 281 -343.
- Gomes, M. V.; Gomes, R. V.; Beirão, C. M.; Matos, J. L. (1986) – *A Necrópole de Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. (Trabalhos de Arqueologia 2).
- Gonçalves, V. S. (2005) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- González Prats, A. (1990) – *Nueva luz sobre la Protohistoria del Sudeste*. Alicante.
- Hunt Ortiz, M. A. (2003) – *Prehistoric mining and metallurgy in Southwest Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress. (BAR International Series 1188).
- Hurtado, V. (1990) – Excavaciones en el yacimiento de El Trastejón (Zufre, Huelva). Primera campaña, 1988. Informe preliminar. *Anuario Arqueológico de Andalucía/ 1988*. Sevilla: Junta de Andalucía. 2, p. 158-164.
- Hurtado, V.; Enriquez, J. J. (1991) – Excavaciones en Palacio Quemado (Alange, Badajoz). Informe Preliminar. *Actas de las I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 2, p. 69 -87.
- Hurtado, V.; Garcia Sanjuán, L. (1994) – Areas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de El Trastejón (Zufre, Huelva). In Campos, J.; Perez, J. A.; Gomez, F. (eds. lits.) – *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana. Actas del I Encuentro de Arqueología del Suroeste de la Península Ibérica (Huelva, Marzo 1993)*. Huelva: Junta de Andalucía, p. 239-271.
- Hurtado, V.; Garcia Sanjuán, L. (1996) – La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la Cuenca Media del Guadiana. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología* 3. Sevilla: Universidad de Sevilla, p. 95-144.

- Hurtado, V.; Garcia, L.; Mondejar, P.; Romero, E. (1999) – Excavaciones arqueológicas en el asentamiento de la Edad del Bronce de La Papúa. *Anuario Arqueológico de Andalucía/1994*. Sevilla: Junta de Andalucía, p. 105-112.
- Kristiansen, K. (1991) – Chiefdoms, states and systems of social evolution. In Earl, T. (ed. lit.) – *Chiefdoms, Power, Economy and Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 16-43.
- Kristiansen, K. (2007) – The rules of the game. Decentralised complexity and power structures. In Kohring, S.; Wynne-Jones, S. (eds. lits.) – *Socialising complexity: approaches to power and interaction in the archaeological record*. Oxbow Books. Oxford. p. 60-75.
- Leisner, V.; Paço, A. do; Ribeiro, L. (1964) – *Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lull, V.; Estévez, J. (1986) – Propuesta metodológica para el estudio de las necrópolis argáricas. In *Homenaje a Luis Siret*. Sevilla, p. 441-452.
- Lull, V.; Micó, R. (2007) – *Arqueología del origen del Estado: las teorías*. Barcelona: Bellaterra.
- Lull, V.; Micó, R.; Rihuete, C.; Risch, R. (2009) – El Argar: la formación de una sociedad de clases. In Hernández, M.; Soler, J.; López, J. A. (eds. lits.) – *En los confines del Argar. Una cultura de la Edad del Bronce en Alicante. Catálogo de exposición*. Alicante: Museo Arqueológico, p. 224-245.
- Manzanilla, L. (ed. lit.) (1997) – *Emergence and change in early urban societies*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- Martín de La Cruz, J. C. (1987) – *El Llanete de los moros, Montoro, Córdoba*. Madrid: Subdirección General de Arqueología y Etnografía.
- Mataloto, R. (2012) – Os senhores e as serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central. In Jiménez Ávila, J. (ed. lit.) – *Sidereum Ana II – El río Guadiana en el Bronce Final*. Mérida, p. 185-213. (Anejos de AEspA. LXII).
- Mataloto, R.; Martins, J.; Soares, A. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- Mateus, J. E.; Queiróz, P. F. (1997) – Aspectos do desenvolvimento, da história e da evolução da vegetação do Litoral Norte Alentejano durante o Holocénico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 49-68.
- Mederos Martín, A. (1999) – La metamorfosis de Villena. Comercio de oro, estaño, y sal durante el Bronce Final I entre el Atlántico y el Mediterráneo (1625-1300 A. C.). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 56: 2, p. 115-136.
- Molina, F.; Cámara, J. A. (2004) – Urbanismo e fortificaciones en la cultura de El Argar. Homogeneidad y patrones regionales. In *La Península Ibérica en el II milénio a. C.: poblados y fortificaciones*. Cuenca: Universidad Castilla-La Mancha. p. 9-56.
- Muñiz Jaén, I. (1995) – Nuevo descubrimiento en la estela de «El Torcal» ¿estela de tipo alentejano o estatua-menhir? *Antiquitas*. Córdoba: Museo Histórico Municipal de Priego. 6, p. 15-28.
- Nunes da Ponte, T. R.; Soares, A. M. M.; Araújo, M. F.; Frade, J. C.; Ribeiro, I.; Rodrigues, Z.; Silva, R. J. C.; Valério, P. (2012) – O Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os hipogeuos funerários. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 5, 2, p. 265-295.
- Pavón Soldevila, I. (1998) – *El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz). Intervenciones arqueológicas (1993)*. Mérida: Junta de Extremadura. (Memorias de Arqueología Extremeña, 1).
- Pavón Soldevila, I. (2008) – *El Mundo funerario de la Edad del Bronce en la Tierra de Barros: una aproximación desde la bioarqueología de las Minitas*. Mérida: Junta de Extremadura. (Memorias de Arqueología Extremeña, 9).
- Pavón Soldevila, I.; Duque Espino, D. M. (2014) – El Cerro del Castillo de Alange (Extremadura, España): un paisaje de la Edad del Bronce. In Vilaça, R.; Serra, M. – *Idade de Bronze do Sudoeste. Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 51-74.
- Pellicer, M.; Amores, F. (1985) – Protohistoria de Carmona. Los cortes estratigráficos CA-80/A y CA-80/B. *Noticiario Arqueológico Hispanico*. Madrid. 22, p. 55-210.
- Porfírio, E. (2014) – Arquitecturas e práticas funerárias da Idade do Bronze no concelho de Serpa: o caso de Torre Velha 3. *Antrope*. Tomar: Centro de Pré-história do Instituto Politécnico de Tomar. 1, p. 249-267.
- Porfírio, E. M. B.; Serra, M. A. P. (2010) – Rituais funerários e comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). *Estudos do Quaternário*. Braga: APEQ. 6, p. 49-66.
- Pozo Gómez, M.; Casas, J.; Medina Nuñez, J. A. (2002) – Estudio mineralógico de componentes ornamentales pétreos procedentes de un yacimiento de la cultura de El Argar (Fuente Álamo, Almería). *Boletín Geológico y Minero*. 113: 2, p. 131-142.
- Ramos, J. (1993) – *El habitat prehistórico de El Estanquillo (San Fernando)*. San Fernando: Ayuntamiento de San Fernando.

- Romero, E.; Rego, M. (2001) – El habitat de la Edad del Bronce de Cerro da Forca (Barrancos, Portugal). *Actas de las Jornadas de Património Histórico – Artístico de la Sierra de Huelva*. Aroche. p. 423-431.
- Ruiz-Gálvez Priego, M. (2009) – Qué hace un micénico como tú en un sitio como éste? Andalucía entre el colapso de los palacios y la presencia semita. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 66:2, p. 93-118.
- Santos, M. F.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1974) – Necrópole da Provença (Sines): campanha de escavações de 1972. *Arqueologia e História*. 5: 9, p. 69-99.
- Santos, F. J. C.; Aréz, L.; Soares, A. M.; Deus, M.; Queiróz, P. F.; Valério, P.; Rodrigues, Z.; Antunes, A. S.; Araújo, M. F. (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas «silo» do Bronze pleno/final na encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11: 2, p. 55-86.
- Schubart, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-136.
- Schubart, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter. (Madrider Forschungen, 9).
- Schubart, H. (2004) – La cerámica argárica en la estratigrafía de Fuente Álamo. Campañas de 1977-1982. *SPAL*. Sevilla. 13, p. 35-82.
- Serra, M. (2014) – Os senhores da planície. A ocupação da Idade do Bronze nos «Barros de Beja» (Baixo Alentejo, Portugal). *Antrope*. Tomar. 1, p. 269-295.
- Serra, M.; Porfirio, E. (2015) – Um novo achado do Bronze do Sudoeste: a estela do Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja). *Almadan* online. Almada. S. II, 20:1, p. 108-109. [Consult. 26 Jan. 2016]. Disponível em http://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20_1
- Serrano Ariza, R. (2012) – Las fortificaciones y Estado en la Cultura Argárica. *@rqueologia y Territorio*. Universidade de Granada. 9, p. 49-72. [Consult. 27 Jan. 2016]. Disponível em <http://www.ugr.es/~arqueologyterritorio/PDF9/4-SerranoA.pdf>
- Sherratt, A. (1981) – Plough and pastoralism: Aspects of the secondary products revolution. In Hodder, I.; Isaac, G.; Hammond, N.; eds. lits. - *Pattern of the past*. Cambridge University Press. Cambridge. p. 261-306.
- Siret, H.; Siret, L. (1890) – *Las Primeras Edades del Metal en el Sudeste de España*. Barcelona.
- Soares, A. M. (1994) – O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. p. 179-197.
- Soares, A. M.; Santos, F.; Dewulf, J.; Deus, M.; Antunes, A. (2009) – Práticas rituais do Bronze do Sudoeste. Alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 433-456.
- Soares, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- Soares, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1995) – O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *A Idade do Bronze em Portugal: Discursos de Poder*. Instituto Português de Museus. Lisboa. p. 136-139.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1998) – From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. In Jorge, S. O. (ed. lit.) – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. 10, p. 231-245. (Trabalhos de Arqueologia).
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2010) – Campaniforme do Porto das Carretas (Médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. In Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C. (eds. lits.) – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.*: Câmara Municipal de Cascais e UNIARQ. Cascais. p. 225-261.
- Ste. Croix, G. E. M. de (1988) – *La lucha de clases en el mundo griego antiguo. De la Edad Arcaica a las conquistas árabes*. Barcelona: Ed. Crítica.
- Stevenson, A. C. (1985) – Studies in the vegetational history of SW Spain. II-Palynological investigations at Laguna de las Madres, Huelva. *Journal of Biogeography*. 12: 4, p. 293-314.
- Stevenson, A. C.; Harrison, R. J. (1992) – Ancient forests in Spain: a model for land-use and dry forest management in south-west Spain from 4000 BC to 1900 AD. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 58, p. 227-247.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1979) – O Monumento I da necrópole do Bronze do Sudoeste do Pessegueiro (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 121-157.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2008) – Ocupação da Idade do Bronze da Quinta da Fidalga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10: 2, p. 87-106.

- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2009) - Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: o Monumento II do Pessegueiro. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 389-420.
- Tavares da Silva, C. (1986) – Estudo da malacofauna. In Gomes, M. V.; Gomes, R. V.; M. Beirão, C. de; Matos, J. L. – *A Necrópole de Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular*. Ministério de Educação e Cultura. Lisboa. (Trabalhos de Arqueologia 2).
- Valera, A. C. (2014) – Continuidades e descontinuidades entre o 3.º e a primeira metade do 2.º milénio a.n.e. no sul de Portugal: alguns apontamentos em tempos de acelerada mudança. *Antrope*. Centro de Pré-história do Instituto Politécnico de Tomar. Tomar. 1, p. 297-316.
- Valera, A. C.; Filipe, V. (2010) – Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia Patrimonial*. 5, p. 49-56.
- Valério, P.; Silva, R. J. C.; Ponte, T. R. N. da; Araújo, M. F.; Soares, A. M. M. (2012) – Estudo arqueometalúrgico das dádivas funerárias dos hipogeus do Bronze pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19, p. 203-208.
- Valério, P.; Baptista, L.; Gomes, S.; Pinheiro, R.; Fernandes, S.; Soares, A. M. M.; Araújo, M. F. (2013) – Malhada do Vale da Água – novos dados sobre a metalurgia do Bronze Pleno do Sudoeste. *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Ayuntamiento. Aroche-Serpa, p. 575-586.
- Valério, P.; Soares, A. M. M.; Araújo, M. F.; Silva, R. J. C.; Porfírio, E.; Serra, M. (2014) – Arsenical copper and bronze in Middle Bronze Age burial sites of Southern Portugal: the first bronzes in Southwestern Iberia. *Journal of Archaeological Science*. 42, p. 68–80.
- Valério, P.; Soares, A. M. M.; Araújo, M. F.; Silva, R. J. C.; Baptista, L. (2015) – Middle Bronze Age arsenical copper alloys in Southern Portugal. *Archaeometry* (doi: 10.1111/arcm.12212). University of Oxford.
- Vasconcelos, J. L. de (1908) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 13, p. 7-12.
- Veiga, E. (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional. IV.
- Viana, A. (1947) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 4 (1-2). Beja, p. 10-11.
- Viana, A. (1959) – Necrópole pré-histórica da Atalaia. Aldeia de Palheiros - Ourique. *Conimbriga*. Coimbra. 1, p. 83-96.
- Viana, A.; Nunes, F. (1956) – Necrópoles argáricas de Santa Vitoria. *Arquivo de Beja*. Câmara Municipal de Beja. 13, p. 153-167.
- Vilaça, R. (2011/12) – Late Bronze Age: Mediterranean impacts in the Western end of the Iberian Peninsula (Actions and Reactions). In Aubet, M. E.; Sureda, P. (coord.) – *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo*. Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra. Barcelona. 21, p. 13-41. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea).
- Vilaça, R.; Cunha, E. (2005) – A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra). Novos contributos. *Almadán*, II.ªS. 13, p. 48-57.
- Vilhena, J. (2006) – *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.* Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (policopiado).
- Vilhena, J. (2008) – Subir à altura. Espaços funerários, lugares do quotidiano e «arte rupestre» no contexto da Idade do Bronze do Médio/Baixo Mira. *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Câmara Municipal de Aljustrel. Aljustrel. 2, 2.ª série p. 194-218. (Vipasca).
- Walker, M. J. (1995) – EL Sureste, Micenas y Wessex. La cuestión de los adornos óseos de vara y puño. *Verdoly* 7, p. 117-125.